Letras famélicas
Maike Cabral

Letras Famélicas

Maike Cabral

2025

Fames est optimus coquus.

O tormento

A vida é miscelânea de felicidade e tristeza, anfitriã de certeza e incerteza. Não há separação nítida entre tais instâncias que a extravagância humana intenta afundar. Aquele que propõe o vítreo de se esbaldar na astúcia de anulá-la incorre no erro dos lassos ermitões, que longe de se afastarem do povo para se alavancarem aos céus, se aproximam de Deus para prescrutarem os infernos que habitam suas alcovas. Neste lastro, observamos um dos quais que caminham obtusos pelas calçadas da vida, semelhante aos pequenos camundongos cativos das ciências que, sem saberem, servem de experimentos críveis a outros camundongos mais astutos, bipetizados. Era nosso escolhido, um sujeito entre tantos, nada especial, mas ao mesmo tempo, nada banal. Ele apenas nos serve de exemplar recôndito entre os ilhéus escalonados pelas tundras frias do "mais do mesmo".

Lá vai ele. Andar sobejante, vista riste e sem domínio. Ele chamusca pelas sombras quando deveria – ao seu entender – gotejar cumbuco pelas vias de mármore dos grandes poetas, líricos e fantasistas. Mas não, o destino quis que fosse o mais pálido dos sobreviventes de outrora, posto a meio metro do chão em uma cova perene chamada *responsabilidade*. Este era o maior desafio que o bom Deus lhe concedeu, embora sua arritmia confusa, aquela dos faustos zombeteiros, gozasse de um espanto fúnebre a cada centímetro caiado que subtraia de si um pouco mais do talento arrependido. Aquele sujeito acreditava – e como acreditava! – poder compreender os céus do homem, dos anjos e até mesmo o dos mais prósperos demônios da salvação bendita apenas com sua peripatética caneta, perdida num abismo branco sem linhas. Ele era um vanguardista pobretão, quando deveria ser um arquidiácono patafísico! Esta é a raiz da tartamudeante angústia que o fustiga pelas solas dos pés – e por seus álamos imaginários.

Mais uma vez embarcou na velha lata motorizada que tinha como pórtico o calabouço empregatício. Pobre diabo. Embora um pouco de humor vazasse pelos seus poros capilares, bem pouco de seu bem reduzia o lamento que rondava o hipotálamo – fonte de todo o mal primaveral desta besta descampada! Mas aquele não era um dia como os outros, não pelo menos em relação a seu desfecho. Após vestir sua máscara de rapagão benigno e moral, e investir um pouco do seu tempo em gorgolejantes piadas jogadas à porta de lixo auricular de seus companheiros de missão, recobrou seu casto e habitual amargor e pôs-se a sentar no cubículo airado em que refazia, dia após dia, o "mais do mesmo" beneficiário – o ermo castigo a que lhe foi confiado.

Seu pensamento atingia, ao longe, os *Olímpos* e *Campos Elisios* derrisórios; sua cátedra de corrupião pendia aos mais belos versos jamais escritos; e, ao mesmo tanto, nada se iludia defronte o assombro de não ter mais uma manhã seguinte a esperar: ele havia decidido antecipar o apocalipse através de um pedido formal e direto ao grande Senhor dos céus e da terra! Esta era sua crença moribunda. Ele queria o fim, pois o tormento lhe custava o belo preço dos sóbrios e taumaturgos homens normais. Então, redigiu sua carta, sua paranóia em forma de arte parenética, uma forma hostil de desnudar precatórias asneiras. O bom Deus não merecia ler, sequer suspeitar de tal enorme assalto à razão! O mau samaritano queria alçar um platô que não lhe era devido – sequer querido. Eis o acinte:

Caro Senhor,

Sei que nada sei sobre o destino e pasmos do tempo, que só a ti equivale o peso da pena ao desenhar o quadro final do juízo, do martírio, do final, mas pretendo, com esta breve carta-oração, vos evocar em meu tormento para o fim de antecipar com este assédio o desenlace dos homens, pois creio estar convicto de que somente assim vossa majestade irá conter o afluxo

abissal de almas ao inferno que a configuração atual das querelas humanas ousou amplificar.

Bom Deus, atenda ao apelo deste desgraçado anfíbio e perspicaz diabo, que longe de reconhecer seu poder e glória vos invita a conceder um mal pela consecução de um bem. Ouça o clamor deste obtuso verme e acenda as lamparinas da perdição do mundo que evocarão os seus santos aos mais íngremes propósitos.

De seu filho atormentado - amém.

Que opróbrio! Falésia sublunar sem um pingo de sensatez! O bestólito imputa a Deus a responsabilidade de encurtar o tempo do mundo apenas sob a unção de sua mais reticente tristura. Após redigir este papel do báratro, o infeliz fez então a mais torpe macumba ao imprimí-lo e queimá-lo, em seguida, num pequeno beco escondido entre as dependências de seu emprego, à beira-rua amarga donde havia se esgueirado em seu "mais do mesmo". Fumou seu cigarro paupérrimo e olhou para o horizonte onde o sol repousaria, e sua fantasia joanina, ousava realizar. Veremos...

...

Horas a fio, e o póstumo profeta do *egocalipse* já estava a traquear outro tabaco à procura de sinais, vistas e pequenos indícios do acontecer coalhado que aguardava. Cena caquética de mais um estulto comedor de fel; dum lunático ensoberbecido pelas tormentas mais comuns aos homens, mais afeita aos sortilégios a que são chamados – à dureza da vida que não reclama por sua presença, pois a graça, é o que os fazem nela estar! Mendigo ignaro, tua cornucópia de asneiras jamais irá acessar o umbral dos angélicos santos que rogam ao Altíssimo, em uníssono, pela salvação do mundo – e não por sua perdição dendroclasta!

Observei este homem neste fatídico dia e conto-lhes aqui este breve relato, não por medida exemplar, mas por ironia póstuma. Como alguém poderia crer numa tal panóplia, num tal *perdério* de baque? Fito-o de longe, rindo de sua insídia, de sua fé, custo a acreditar em tal possibilidade, em tal *cazzo*. Com meus olhos escondo a solidão dos altares, a imensidão da misericórdia, a presunção da redenção; reconheço a inutilidade do apreço à vã regalia que Deus impingiu a este tipo de caramanchão humano, porém, a que pródomo quereis, ó pestiúnculo, derrotar o tempo do mundo pensando em esgotar, assim, a grão ida aos infernos!? A que se refere, assíntota germinal dos cemitérios, ao se referir às minhas pagas ao bom Deus de tudo!? Quem lhe deu este tormento, angústia alada!? Quem lhe concedeu esta benção senão eu, o *príncipe deste mundo!?*...

...

E, ao pôr-do-sol daquele dia, Deus e seus anjos visitaram a terra vindos do painel alaranjado do céu respondendo à prece infantil não só daquele homem e seu tormento, mas, de todos aqueles que, *atormentados pela graça,* ousaram algum dia dizer: *Vinde, Senhor!*

A experiência do momento oportuno

Poucos são os que admitem um horizonte como fronteira final de seus sonhos, ilusões e escapatórias lástimas sepulcrais. Pois não há quem reclame do trajeto quase infinito que nos separa da linha voraz de nossas próprias limitações. Em vista disso, é com um espírito zombeteiro que desejo a todos *transvirar*, *transnudar* e *transcender* a velha e insossa sede por ironias – aquelas, tão conhecidas e tão difamadas, mas, no entanto, frugalmente subversivas.

Este é um espírito de desejo submetido, de espelho retorcido, sortilégio que tantas vezes nos coroa como tolos, tolos revivescidos. Nunca foi tão necessário, em semelhante índole, soerguermos do alívio que causam certas aspirações – tanto quanto doarmos o lombo para a alcunha de uma vara completamente arredia! Que este espírito *nos una num só tropo*.

Jaz, na euforia moderna, a sensação – e desfaçatez – de que tudo pode ser resolvido pelas vias do coração, da cordialidade, da *incumbência*. Uma oração, feita sem muito sentido, pode ser mais bem quista do que mil dessas alforrias vilipendiosamente asquerosas, pois, cada uma delas, representa em si mesma não um *valor*, um *denodo*, mas antes, uma autofágica satisfação por ensejo que nos dormita e arrota.

A ocasião favorável, que muitos devem entender como uma receptividade multiforme e capacidade intrínseca da natureza humana de *receber antes de dar*, é como uma tulipa que pode reter tanto o sangue salvador quanto a bílis deplorável - similar à forma final do descapelo, do remelar indócil nas infindas secreções que nossa alma condenável visa esconder, surrupiar da vista, arrefecer dos ósculos! E é por ela que insistentemente depositamos, no altar dos demônios, incensos e petições; é

por ela que denodamos os santos privilégios para comer a sujeira dos porcos; e é com ela que, imbeles, nos tornamos falsos crentes e pífios apóstatas.

Tal ocasião nos faz vender a graça por moedas fora de circulação, e esta é a nota mais típica da concordância impudica que esconde na aljava a seta estúpida que ferirá todos os corações enternecidos. O falso senso cordial é um véu que oculta uma ocasião salutar.

Porém, é preciso remediar o tédio e espantar as moscas da depressão salientando que a mesma ocasião nos oferece o subterfúgio da dor, do assentimento, do *prejuízo carnal*. Ela é a musa dos precavidos, que longe de atuarem para o "bem comum", urgem cascatear privilégios aos *comuns do bem*. Doce solidão... a fachada aqui exposta foi a lógica absurda com que muitos mártires jogaram o jogo do desprazer, do insidio, e venceram por percorrerem embebes a trilha estreita de seus corações não cordiais!, mas amorosos.

A falta de razão muitas vezes suplantou seu *meio-termo* - carrasco feroz da unidade – por estar cavalgando a malta espúria da insatisfação que satisfaz seus predicados enquanto arremata as últimas arestas mudas de esdrúxulas falsas comiserações. Todo santo se fez pelo pecado para a graça.

É nesta perspectiva que ascendemos à ideia de que o homem, tem sim, um prejuízo moral a perpetrar, sem a mínima dó de sua vergonha. Ele precisa corromper-se pelo penhor de seus ázimos antes de ser restaurado pelo candor de seu destro, pois não há escape para a seguinte lei que o assombra e aponta para o coração ominoso depositado em sua gruta bruta de simpatia cotidiana: *somente os condenados podem urdir perdão*.

Por aí, concebemos o detalhe venal pelo qual a experiência do momento oportuno nos arrefecerá de todo sentimento de relha depositado em nossos *carros-de-boi* – pois nosso coração é, sim, um veículo transladado

bovinamente! Mormente a causa originária imposta pelo pai das gerações, o efeito imaginário de nossas rinhas estroinas carece de um impetuoso apelo por sedução, justamente porque o destino insatisfatório nos move como uma besta à procura de sangue.

Estar presente à essa experiência de abertura escrava à verdade de nossa perfídia - apenas ressalva por intermédio de um candor divino extraordinariamente miraculoso - é a oportunidade menos vã que podemos encontrar a qualquer momento, em quaisquer lamentos, dizendo no íntimo para a testemunha onisciente que nos exorta o quão somos carentes e indecentes por não computarmos o pecado na grande conta da salvação!

A experiência do momento oportuno é a revelação que não nos deixa suportar a nudez perante Deus, ou a cordialidade distante diante do próximo.

Portanto, quando se deparares com um desses instantes eflúvios surgidos como austeros relentos frente a foz das mais alarifes precauções, não se iluda! não se esqueça! – *sim, você é uma pécora, mas o mais belo broto de um jardim que não é teu.*

Nossa pocilga de javardos

O mundo jaz no maligno, dizem as boas taramelas. Mas se esquecem de referir a teima prognóstica de que o mundo, apesar dos pesares, é um peso necessário à boa execução do bem.

Sim, de fato, na mais multitudinária versão dos fatos vivemos na pocilga dos javardos, ambiente hostil que nos conecta por carência e sedução. Não existem mais as atmosferas cristalinas do romantismo cavalheiresco; não resistem mais as eloquências de uma escolástica vencida; e, mais do que tudo, não se inspira e expira mais o ar acolhedor de um cristianismo bruto e delicado, vívida fonte da contradição final na qual fomos metidos.

Tudo é sedução, fel – desespero.

Isto é a boa nova! A melhor notícia jamais dada por nenhum dos bisbilhoteiros do apocalipse! Estamos na miséria, e isto é a maior das graças.

Onde os porcos vivem austeros, nós exultamos de asco. Na límpida foz dos zombeteiros, ainda clamamos odes aos universitários – ou seja, aos homens de pulmões inflados, frontes íngremes e línguas emancipadas. Somente quem observa o ardor cotidiano pode se alçar para além das querelas inabituais, já que aquele que se arvora junto a fonte de todas as nódoas anuências, geralmente, é o que desabrocha num vaso encripto de formas até então irreconhecíveis. Jazer no maligno é a maldição dos incorruptos de calças na mão.

Então, vamos tragar uma generosa dose de otimismo, meu povo! Caminhemos em direção ao fértil sortilégio, ao invés de inflamarmos vistas em qualquer semelhança difusa que nos embriague com o calor bostífero do desencanto deboche. Pois não há sorte que nos encomende dentro das

lástimas cólumes do atual vespeiro, ao invés, rezemos, por revezes e mais revezes, por impropérios à nossa falta de repercussão aos auspícios do passado!

Enterrados estamos em uma vala de carícia e *multi-mel*, esse é nosso gracejo atemporal. Os anjos estão perturbados com nossa pobreza vestal enquanto demônios regozijam ante a safada decadência dos néscios. Há um triz brincamos com o desfiladeiro de enxofre que requenta nossos traseiros serelepes, recreando-se com os bibelôs dos pecados mais chinfrins possíveis. Vendemos barato nossa derrota – e porquê?! porque adoramos o umbigo que nos rodeia!

Que amemos, pelo menos, esta pocilga que nos foi facultada! A única veraz, prenhe e daninha moradia de nossos corações asquerosos, mas encobertos de chagas da boa educação – o singular objeto de danação.

A angústia famélica

A raiz de todo desejo humano é a esperança de incorrupção. Sem este pano de fundo nada malogres, nenhuma faina de insatisfação poderia brotar, e por ela, caçamos aos perros multitudes ninharias que obsoletam nossas iguarias egóicas mais austrais.

Sentimos, nas lástimas comezinhas do *bate-ponto* sazonal, uma sensação de escarro, um súbito espasmo que nos é capaz de soerguer ante o peso da desesperança e escárnio da corrupção – a via que nos infunde o caldo insosso da vontade a todo custo de não morrer, não perecer diante da miséria que nos contraria o deleite!

Somente os *amantes do leite* podem subnutrir-se nesta litosfera fecal imposta pelo pressentimento da agonia, da afonia, da inanição moral de nossos *tempos em tempos.*

Aos berros, nosso coração se esbarra com o demônio da confusão que facilita tudo enquanto formos fiéis ao marcapasso espúrio de seu androceu expelidor de vítimas. Não há desespero que não alcance um doce mel entre as pernas desta meretriz picardia, retentora de todo o meneio contumaz da fuga e concreção dos sentimentos que, aliciadores baratos, melindram como ratos diante dos protestos lisonjeiros.

O desespero é pai de toda renúncia…

Então nasce feliz e incólume a fome mais hercúlea, a fome por angústia! já que os apóstatas da lei vigente são a própria prefiguração da corrupção latente pervadida por burlescos mangues acinéticos. Tais bravateiros reviraram o charco da boa e sã sociedade sobre uma ectopia relacional sem precedentes, obsediando, lutuosos que são, o cenário humano, como quem

senta sobre um sanduíche esquecido aos borbotões na poltrona vazia de alguma sentina condução! Módicas almas númenas...

Sátapras da boa vida! *Meio-velhos* intrujões! As carícias que nos fazem padecem, perecem e parecem render a fronte esquina das seduções! Mas a angústia famélica que abusa de nossa carne ascensoral jamais poderá submeter-se ao velho caos de suas idiossincrasias; ao remanescer viral de sua coprofagia; ao rés merejo de sua conversa fiada!

Ao que desejo, corrompo; ao que renuncio, persevero. Esse é o manjar que sacia, que embucha, toda e qualquer angústia famélica!

Aos homens de pouca fé, apenas duas palavrinhas bastam para matar quem está nos matando: *vita aeterna*.

Ladainhas da devoção aparatosa

A boa e velha garatuja me planou, quando os veios do céu limpidamente banidos de qualquer cólume imprecisão derramaram sobre mim uma vaga tromba de túnicas abrasivas, imersas em pestilências plásticas dos renitentes desvalidos, autocraticamente varridos para debaixo dos tapetes de algum albergue eclético.

Nos dias que correm, por onde andamos vemos – e não cremos! – uma panóplia verborrágica de múltiplos camaleões exaustivos vendendo, e não temendo, as mais díspares fórmulas rúmenes de devoção que poderiam estar reunidas em pequenos halos fúnebres dos cascos ressequidos de um ou outro filisteu empreendido.

É um verdadeiro mosteiro de aves canoras gorgolejantes que se fazem íntimas do Senhor... embora constituam espécimes raras de mórbidos minaretes deste fervor atávico, brejeiro – letal!

Queria eu mirar um *Santo Antônio de Pádua* da vida, revestido de seu espírito de altivez tacanha; vivendo entremeado de tais tremendas palpadelas angelicais; rodeado por tamanhos póstumos indolores do carmesim beatífico recém rabugento, com seus olhares apoteóticos! diante das tezes de lividez de ofícios embromatórios, tão tenazes – e mendazes! – quanto essas. *Ah*, diria o santo, *como é bom estar entre os bons – vivants*!

O fausto imprimido em suas goelas santas de ardil diário corresponde ao avanço da precavida vida dos mártires de travesseiro, em suas rendas clássicas de andor pluvial, ricos em seus sortilégios e pobres dos privilégios tardios que esperam, um dia, humilhantemente, imaginar em seu céu de olor febril!

O excesso de aparato é o carrapato que crava nu em suas veias o relicário da própria desconversa.

Me pergunto renitente: há alguma devoção nesta moção frívola de lamentos? Há alguma prédica que escape de semelhante calor infernal advindo das grotas salivares destas faustas axilas termais? Talvez, mas o penhor faz a venda…

Protesto! Como um sonso protestante protesto contra essa balaustrada principesca onde os azeites anti-inflamatórios clamam por um Deus de fofura e dispersão. Esta é a única locução ante o verso decapitado de tais *Dantes* pacifistas, amalhoados sob as ninfas de um verão acrítico.

O bom reclame, o suave levante levedo de candura frente a imensidão deste vazio intemporal, ele sim, pode ser o demérito em forma de unção que nos açabarcará da nau transcrita destes *Nibelungos* de gaveta! Pois o que lhes falta, nesta prédica de farta gulodice, é a voz *Dele*: do real perfume que de todos os caóticos cheiros se destaca – sem perecer pelas faces pomposas ou pelos frascos de boticário supedâneos que torpes linguonas presepeiras enternecem!

Toda a riqueza da apoplética devoção infantil está soterrada nos gorgolejos de formalismo voraz dos novos estetas da etiqueta. Oxalá, nos restou o desânimo frente seus montes flácidos de santidade herbosa, tais quais boreais escarpas de virtudes curvilíneas denotando o apelo não-cristão ao refrigério.

Calma lá! aninhemo-los a nosso diapasão *amentoral*: a maior ladainha já composta pelo homem corresponde à unidade mínima de petição que reduz toda a parafernália, todo calhau aético da devoção aparatosa a pó, sem deixar de ser vasta em profundidade, alta em finura...

- *Perdoa-me*!

A crise da crítica

Toda crítica depende de um inter-relacionamento entre observador e observado. Não há linha de determinação mais precípua do que esta, em se tratando de *diferenciação*, *realce* ou tentativa de ver e *se deixar ver* através de lentes que não nos pertencem. Por isso, a crítica é sempre o modo de ser dos humildes, que se oferecem ao olhar das potestades como vítimas de um altar cruento.

Acontece que, em tempos de espúria qualidade crítica, os altares onde se apresentam os cordeiros de expiação ordinária da velha diferenciação salutar se transformaram em púcaros da idiotia banal, figuras de baixo relevo onde os odientos executores do sacrifício diferenciado são, agora, cacofônicos olhos do declive usurpador no papel de sacerdotes da mendacidade comezinha.

Não são mais os humildes os detentores da alta crítica estilizada, e sim, os soberbos, autodenominados *espectadores especializados*.

A crítica se tornou um afã de mofa muito bem conduzido, mas muito mal produzido. Invertidos foram os papéis que antes eram determinados por critérios valorativos, de modo a chafurdar os próprios juízos elementares da função na lama próspera de novas ficções lisonjeiras. Não se conta mais, entre as contas de sua prédica moral, a razão perspectivista do "*quem*" e do "*como*", só a paspalharia sensualista do "*onde*" e do "*quanto*".

É por essas e outras que não devemos levar tão a sério *a crítica* enquanto instituição declarada de um clero composto por energúmenos répteis almofadinhas, tão somente *a crise* que a obtém e sustém com jactantes seios de anseios prolixos.

Tais pomas de porca lástima não se encontram no "mundo exterior", nas barafundas escapadas de algum buraco cósmico inacessível a testemunhas. Elas se alocam na *introjeção interior* que lança sobre si um olhar patético, inquisitivo, frívolo o suficiente para se fazer nua aos olhos de Deus! – quando na verdade, está *indumentariamente reduzida* ao horizonte de emblemas da boa e velha projeção social.

O *medo do olhar* muitas vezes expõe o *medo de olhar* para além das janelas de uma prisão rarefeita – eis o mistério da crise que nos impõe uma crítica aquém do criticável!

Enquanto a crítica estiver refém desta inversão magnética dos polos morais, pouco deve importar para nós enquanto método, razão ou prognóstico. Será sempre dejeção vermelha e inútil. Isto porque a condição de humildade não se refere a alguma auto imprecação morosa e estúpida de quem tem medo da opinião circundante, mas ao contrário, a aquilo que se adere ao juízo simples de criatura síbile diante do ato criador que lhe justifica.

A crítica sã deve, portanto, apontar para um estado de espírito diferente: aquele que procura voluntariamente as águias agudas do realce verdadeiro sobrevoando o céu referente, como quem nos captura da condição provinciana de vítimas depreciativas – ressituando nosso olhar diante de uma verdade, mais das vezes, incômoda.

A crise da crítica é uma espécie de ausência diante do tribunal de si mesmo.

O derrotismo achincalhado

O gosto do tédio é um refrigério quando estamos pregados no monte da sedução. Em meio ao assédio de mil impropérios que irrompem em nossos púberes apetites invisuais, a fome dos sentidos sempre anseia um banquete ensoberbecido.

Todo desgosto profundo - como turno rotundo do mar decepção - imita grotas ensandecidas, assaz arquetípicas, entre tumbas caiadas assentes na fática turba que esmaece o olhar deste furúnculo varrido. Por tal vivemos, por tal morreremos, como víboras rastejantes em dejetos de antigos comparsas invitando nódoas de memórias já embotadas.

Sai verão entra verão, e a roda regurgita últimas teias que nos amarram a tristes escolhas como escolhos de um naufrágio antigo, conhecido - velhaco! E através da ambientação ressequida a este estado de coisas, corrompemos o coração mais que o ácido das vitórias reconhecidas.

Não ter dó de si mesmo pode ser bálsamo nas noites em que tais privilégios corroem a ponta dos dedos, se tornando vítimas perfeitas daquele cadafalso de ilusões futuras, ourives mercadorias transpassadas por bílis transversais e espíritas. Então…

eis que iluminada foi a massa não-cinzenta espremida entre mundos umbráticos deste ente despiciendo! Despertando-o de seu negro sonho requintado…

Causa falésia o derrotismo achincalhado pela sede de triunfo esgotada, mas não se acompanhado de um dantesco ranço vencido, emparedamento carniceiro daquela tina de água suja chamada “insatisfação” - fedentina da canalha mais daninha remoendo toda falta de polidez deste pedaço insalubre de inferno!

A malsã filosofia nos abduz: *nesta vida, antes perder inopioso do que vencer empanturrado de estrume.*

Fingimento enquanto tradição perene

Na aurora dos tempos, a pura e simples imprecação natural sugeria aos homens um paralelo de imagem suficiente da transcendência, até a chegada da revigorada unção dos mortos.

Esse fenômeno salvífico descarregou sobre os homens primevos uma nova ideia de imagem e semelhança ao Deus único e necessário. Era um novo modelo, que longe de eclodir das esferas múltiplas da natureza, foi imprimido do alto, descido do céu, como o mais invariável plano que jamais alguém havia sonhado, ou seja: algo que surgiu entre nós e excedeu qualquer expectativa, qualquer manipulação comportamental ou criatividade mental possível.

Este algo se expressa sob uma forma radical de *sinceridade*, conduta espectral que norteou o acontecer humano ao transbordar toda e qualquer paridade orgânica.

A partir do ponto em que a sinceridade se mostrou como fórmula mimética do divino, as máximas do disfarce clássico fetichista passaram a subterfúgio do imoralismo causal, pústula sádica que derroca os conjuntos humanos no abismo das mais baixas comiserações. A baixeza moral do *fingir* se tornou, assim, a síndrome pela qual o indivíduo, e, portanto, a sociedade, retroagiu a um estado inicial de repulsa e rebelião ao *status original* perdido. Neste caso, fugir do passado genético não pode ser considerado apenas um artifício, mas um verdadeiro tecnicismo que recusa toda e qualquer ascendência a um puro plano seminal intransponível aos desejos sórdidos, aos manejos séquitos e às intenções carnais.

Isso é o mesmo que dizer que o mal dissimulado se escondeu nas entrelinhas do bem sincero.

Essa espécie de totemismo antiquado de meia tigela, melúria insana e sagaz do proceder, é o algoz impertinente que acompanha todas as pestilências imorredouras causadoras de caos e pulverização social. O ente humano não sobrevive a tal estado de coisas, a não ser por acaso – ou milagre! Corrompida a sinceridade adquirida do empíreo, estéril se torna a comunidade de pares; a pertinência de vínculos; a arquitetura de almas – e condensada está a atmosfera que nos transforma, novamente, em serpentes de sedução movidas pelo mais hipnótico ar de estufa!

Se já não bastasse, tendência espúria como essa se tornou tradição perene na medida em que a diversidade humana se satisfez na unidade civilizacional de um comportamento autogerado. Imitado e congratulado por toda uma era de artificialidades vis de catacumbas mórficas reféns das novas letras do papo furado infrutífero, este tinhoso bócio capitólio se plasmou em efígie dos séculos, fruto capilar da desgraça humana mais rudimentar, modorra e antiga!

Tal inclinação venérea pelo disfarce de intenções não se configura mais como perversão ao nosso olhar, pois se rapina bem sutilmente entre as mudas glosas dos alforriados econômicos tomando as estepes e cravando – no alto monte das oliveiras da decência! – sua bandeira de interjeição amanteigada. Semelhante cancro se tornou um formalismo tradicional, tez de sobrevivência estigmática qual plumagem aristocrática que veste as vergonhas destes pequenos burgueses desvairados!

Fingir não se configura como arte viva; fingir se metamorfoseia em natureza morta. Não imitamos mais por desejo de ser ou possuir o objeto amado; imitamos por desejo de fingir sê-lo – enquanto o repudiamos! Agora, *Ser ou não ser* é uma questão para escarrentos de alguma *Montanha Mágica*, e não para os faustos habitantes das regiões temperadas do inferno…

Esquivos que são, se confundem entre si; confundidos então, sucumbem no sorrir.

Eis a solene transmissão viral das hienas subnutridas de graça, porém, empanturradas das mais lástimas máscaras febris desta rotineira alegria dos mortos – o fingimento enquanto tradição perene – que nos confirma a intuição de que tudo vai mal pelo simples fato de que nada é mais além, somente o falso bem requentado.

O homem deixou de imitar a natureza direta e buscar a autenticidade divina para se sujeitar canhestramente às forças ardilosas do infra-humano, pela rejeição ao natural; repúdio ao celeste; e sujeição – vadia! – à simulação habitual.

A finura do cortejo

Nem tudo que reluz é ouro, mas o ouro sem brilho entra no cômputo das coisas maravilhosas que bradam aos céus?

Digo: este sim é o maravilhamento indubitável que todos magos e poetas urgiram encontrar para encantar suas alquimias, nas mais vastas ironias - ou mais castas vilanias.

É na falha do pensamento que se reduz os lamentos a frívolas apanhadas, morde-se o lamento em corredeiras plácidas, membrudos que são os idiotas pasteleiros regurgitados pelas dívidas dos sábios que recorrem às cátedras dos nauseabundos!

É colher para ser colhido.

Num mundo que escorre ao primeiro calhau esbaforido, o ouro opaco se transforma em mula misteriosa transportando um rei desconhecido. Mas neste caso, o rei é mera grelha infernal, gralha de falsas conclusões, burguês ressequido pelas invídias do clamor catarrento que o candeia.

Tal é a amostra sã dos sortilégios no espasmódico, a vitória canhestra dos desfavorecidos em favor da derrota entrópica dos cemitérios intentes ao bafo demoníaco escorrente nas pequenas frestas de nosso quarto escuro e frio, dormitório nasal deste grande deus dos moribundos que expele - orgiástico! - o calor reptício que os sustenta.

O alcatrão da grande bazófia abécula esparrama pelos ares seu odor marsupial, guardando na pança entoja quinhões de leite aleijo e mensuras de horror não orbital…

E esta é a finura do cortejo, levando o minério inquérito que descobre o truque dos falazes - ao ser pobre no arder do olho alheio, enquanto pletórico em ser vigente.

Elegia da modéstia no reino das aparições

O simples caminhar abeberado ao sol, encarado sob o ponto de vista da testemunha, é, em si, complexo e completo em sua estrutura total. Não há margem para a translucidação apagativa dos fenômenos exóticos que nossa pseudo civilização visa alcançar.

A sociedade do espetáculo foi revertida em sociedade do fetichismo performático, onde cada aparição intenta preencher o vácuo inexistente na presença real de cada acontecimento. Por isso a sede insana de recapitulação microeletrônica de cada passo, cada respiração, cada pulsar sanguíneo movente e condizente se torna escópica por natureza.

Não existem mais *voyeurs* à moda antiga, somente suas vítimas autorreferidas e espasmódicas vendendo o caldo último de suas rés fantasias preestabelecidas pela ausência, intrépida ausência ao momento – onde o olhar se tornou a zona erógena de inquietação à procura de seu antigo algoz, e não o contrário.

O exibicionismo se fez metaxia entre o neurótico e o perverso, um caminho pulsional que nos vomita do simplesmente *presencial* sob a tutela de seu antitestemunho inevitável.

Ser visto se configurou sinônimo de ser quisto, e esta é a fonte de todos os céleres devaneios anônimos: a suprema evasão da modéstia sempiterna.

Anatomia do gangsterismo tupiniquim

Em nossas terras virgens, secularmente corrompidas pelo falo da confusão mestiça, reza-se um credo simples, sutil, quase preternatural e permanente: o viço do gangsterismo.

A mania grupal tomou tal corpo *in terra brasilis* que praticamente não se sabe mais o que significa o termo "indivíduo", ou alguma ideia do que seja "aristocracia da mente". Isto tem origem remota, antiga, beirando as raias do tempo em que a selva tomou cor de cidade, enquanto a neófita sociedade nascente absorvia o rito das matas; o balbuciar dos papagaios; o rebolar dos macacos-prego; o inumar dos tatus-bola; e onomatopeias de esfaimadas jibóias engolidoras de homens. A mescla entre cultura e mato foi uma das primeiras marcas de carácter do *civilis brasiliensis*.

O corporativismo animista mais rasteiro se incorporou a tais ruídos de sedução bucólica, vindo a se instituir, historicamente, como a gênese padrão da mentalidade brasileira. Repare: em qualquer manifesto grupo organizado se faz presente a aura de um imperativo moral bastante peculiar - *a mera pertença à taba vale mais que ser um componente estilizado e de coração independente*. O componente, enquanto componente, é um nada dentro deste ritmo. A adesão à taba, enquanto imersão absoluta no conjunto, é o dado real, concreto - infame! - contra a suposta abstração do mero componente isolado. Não há ambições superiores neste psiquismo selvático imantado de pérolas citadinas, apenas interesse presentista obsediado por vantagens chulas e superficiais.

A burocracia lusitana, caracterizada por sua sede de controle administrativo absoluto, tão logo transplantada e imersa na densa umidade da mata insana se tornou o elemento hormonal para o surgimento de nossa modalidade espúria de vida social. Seu excessivo e petrífico funcionalismo

público solidificou a tendência indígena pelo imediato, instando o novo homem ali emergente à uma espécie de tendência dominate: sempre optar pelo meio mais curto para a objetivação de seus fins pessoais. E qual o meio mais curto senão a adesão canina e imediata ao aparato organizacional em torno como meio de sobrevivência ao cenário? Um prato cheio para a velha redução maniqueísta…

No caldeamento lúbrico entre formalismo europeu e naturalismo indígena nosso carácter profundo foi gestado, e, coagulado mais adiante pelo espírito de resistência guerreira da escravaria africana, enfim, tornou-se estável e marcante o suficiente para ser onipresente em três níveis: forma absorta de sobrevivência a todo custo (fruição); mania concreta de controle e mando (domínio); e o mais puro instinto de enfrentamento tribal (rivalidade) - características estas que constituem a totalidade da estrutura cognitiva e anímica da horda tupiniquim até hoje, reduzida que está a sobreviver dentro de alguma organização controladora através da mais vil imersão tribal, determinada, sempre, por terríveis e irremissíveis rixas simpáticas.

E é a isto que denomino *gangsterismo tupiniquim:* o modo de ser (dominante, fruidor e rivalista) onde a fronteira entre simpatia e antipatia determina quem é o antropófago, e quem é a marmita!

Um leproso da magnificência

Por vezes, um autor credita apreço demais aos leitores sem desconfiar de seus alfarrábios de presunçosas ilações. Mente como o dente dolente de um dragão atroz que o persegue nu em urtigueiras, sem parar de comiserar por atenção vilipendiosa.

Bem poderia, neste afinco, alçar o maniqueísmo dos anjos berberes, que longe de cantar as glórias do Senhor, vendem o terço por um rebotalho de glosas lamurientas escarradas em estamparias luminárias, fundas em algibeiras ignóbeis.

Veneriana, esta é a mania do desvalido artista: quando prestes a queimar incenso para o bom Deus através do soldo adquirido sem ônus ou meia parca de labor decente, escorrega para a patifaria do *bem-dizer* – última ninfa do desespero burguês! –, capilar e vindima, íntima pérola reluzente entre os melros achincalhados que batem asas aos passarinheiros.

Seria melhor a desditosa fama que tal portentosa lama envolvente, lôbrega, fuste…

A arqui-ironia, aqui, é que o pródromo dos filactérios, abjeto esteta dependurado à meia tina do couro bovino, inspira o torpor dos *Coletores de Essências*, causa seu ranço, um temor austero aceso às bocas de um apocalipse de merda! Isto lhe instiga capitular ainda mais seu destino desprezível a olhos xucros ao ponto de lançar um centilhão de fleumas sobre os dorsos indiscerníveis destes que o recupera da desgraça de amar o doce aplauso dos séquitos abissais.

É quando ele se recorda, impávido, como um bruto poeta escatológico: *mais vale a acrimônia da ausência deste desvelo que a*

abundância do alarido de tais ninfas empedernidas – pois a verdadeira grandeza subjaz na miséria!

A arte de desaparecer

Qual prestidigitador, trato a manigância como arte de sobrevivência. Embora os furúnculos do conforto sádico me obsediem em favor contrário, venço seus impropérios com lustres risos escanteados. Mas isto não é o suficiente, é preciso se por absolutamente a cego.

Não é fácil crer num ambiente onde a razão extrapolou sua tropa, alcançou sua alcova e manipulou os veios daquela canção interior que espanta as sereias – e domestica os lobisomens. É contra essa manha insana de bebericar o sangue alheio que a faceira rasteira do espectro pálido deve mirar, retendo o empenho do sarcasmo onírico sempre vigente, sempre em altar.

Cá estamos, e precisamos, vender o cadafalso da falsa esperança em favor da realidade que assanha todos os antigos privilégios. Não é com magias simpáticas nanicas que derrotaremos tal macumba satírica dos infernos! É com a precisão do acobertamento... O velar do acabrunhamento... O queimar dos olhos da alma, que passaremos de vermes das refeições dantescas a vilipendiadores dos caráteres infames!

O enigma da esfinge é poder vê-la sem contemplá-la, já que somente essa traque conhece a arte de desaparecer. E sobreviver ao disfarce, é se disfarçar de desaparecido.

O limite da imaginação

Forjar imagens, eis nossa sina ao absorver do mundo a fantasia mais aguilhoada na tentativa plana de convertê-la em padrões rígidos e compartimentalizados.

Isto não é algo que exija demasiado esforço, já que o esboço nos é dado quase que por instinto, como o implorar constante dos alvéolos ou o fluir rompante do sangue pelas estranhas estradas de nossa carne intersticial. É natural, diriam os crassos poetas; automático, ruminariam os arcontes da ciência mecânica; beatífico!, salmodiariam os querubins filosóficos. Mas há algo mais neste mistério óbvio que nos assombra…

Imaginar não é simplesmente mover figuras etéreas no caleidoscópio da mente. Imaginar é vivenciar profundamente aquilo que as coisas, por si só, não podem nos dar. É o preenchimento do vácuo que faz das coisas um verdadeiro substrato, antes, potencialmente prenhe. Claro, tal atividade não se promove a dar azo à onipotência intransitiva como alguns podem desejar. Mas essa é a graça!

A forja imperativa impressionando a bruteza de nossa refinada percepção mambembe atende as ironias vestais por alucinações quadrúpedes que nos arrastam ao escolho dos sólidos, dos intermediários, dos mornos e patifes rufiões. É esta prosélita ninfa, reproduzindo o *alto* e o *baixo* em sua escala limiar, a diaba cogitativa de alturas e de baixezas vômitas das quais jamais se mistura – só se infecta! –, enquanto nos anima e refugia neste empenhado sonho de se livrar do cemitério de ideias canhestras, alegorias que são dos coros angelicais cuspidores de dádivas sobre nossas obtusas e obstinadas tonsuras.

O imaginário é, justamente, o reino bastardo, atmosférico, alocado abaixo dos anjos e acima dos vermes futuros, sendo seu limite a capacidade

de autointerpelação: *a quem pertenço, se não sou prole dos céus e nem da relva?*

Esta é a boa pergunta, aquela que responde a toda e qualquer afirmação não questionável, por ter sempre essa forma intangível de imagem - junto à fecalina matéria de suprema ignorância - absurdamente coincidente com alguma afirmativa inviolável, talvez a maior delas…

O limite da imaginação é sua falta.

O banho lutuoso

Através das artimanhas da palavra troca-se o anfitrião pelo intruso, e nas agonias das balbúrdias linguarias, reduzimos o cedro firme a um credo esquálido, porém, extraordinariamente necessário. É por esta míngua que perdemos o aleatório traquejo colérico concedido pelo bom Deus em troca de uma basófila mania de gelo, imperatriz do ensejo, meretriz do fato.

Não há fenômeno concreto quando tudo de objeto depende da intercessão maldita de nossa língua machacaz, capaz de lamber até o lodo fundo da alma de qualquer acontecimento, ardendo-o num multifário de cobras genéricas e safardanas. Ela denomina o traço do embaraço e regurgita o membro do sentimento, sobre cunhas da mais serrazina senda – em que o vento retorce de nojo ante o encosto dos *boca-aberta*.

Aí, um banho lutuoso e acrônico nos convida a calar, nos incita a estripar este membro que não é membro – mas frascário –, pois a água descendo férvida sobre a terra que geme treme de sortilégios ao falastrão poeta tentando lamuriar precatórios ao molhar-se de trevas! Não há palavras, somente grunhidos cloacinos almoedando pequenas percepções dissolvidas entre confortos de um homem-bicho.

Bestas são os que tentam expressar *o limite* amado pelos necromantes…

Ouça – uma canção escorre aos rompantes bueiros; uma musa derrete dançante em corpos de ratazanas curvilíneas nos córregos bacterícios; um Deus se esgueira entre o povo blatário que se esconde sob nossos pés recobertos de prazeres mesocratas plasmando valas de dejetos *post convivium*!

É isto, enquanto não é. Degusto este hino negando diligentemente tais visões, por lavrar ninharias escópicas intentes em fazer qualquer rufião

transeunte gozar pelas ventas! Arcápico, ainda permaneço neste esforço lastimoso…

Só compreenderemos aquilo que esbarra nossas portas alquímicas quando o rebotalho do falso entendimento se atirar à sarjeta – como um bêbado absorto em obscenidades vãs!

A voz dos esgotos me aduz: *caminho limpo quer jogo*.

O quadrante estranho

Nas montanhas sólidas que rasgam o coração do louco varrido escorrem rios de mansidão absorvente, instando seu fugidio *eu* a se deslocar da presente lassidão. Entretanto, tal *eu* não existe mais do que este entrópico instar intrigante andarilhando pelas encostas frias de sua vadia impotência. O homem não é lobo nem mesmo dos carrapatos que mamam sua vida espúria na madrugada nua e devagar, que dirá do próprio homem?

Ser membro do candor prolixo é tão inútil quanto suspeitar o sexo dos anjos – ou a multidão dos grãos de areia lambidos pelo mar. É como ladrar para lua sem nem antes suspeitar a visão que o cão pode ter de tal astro rocambolesco. Homens assim, com tal sina canina por rosnar às pulgas – e raspar o rabo nas pernas do ladrão –, merecem o desprezo dos mais rapazes saltimbancos e prostitutas! Todavia, quem de nós não o é? Quem de nós é alvo como o manto de nosso Senhor evadido da tumba?

Mentiras são mentiras até mesmo na agonia vítrea da verdade. Ansiedade por elucubrar ventos sãos, que brotam de cenários paradisíacos – inalcançáveis neste prado –, são apenas peremptórios séquitos destas tumbas basilares. Vale mesmo a pena ser perdido neste ar de prostíbulo santo? Quanto custa ser pestífero entre membros da hoste celeste cantante aos borbotões?

A predestinação é uma sólida iguaria, que faz mover montanhas neste quadrante estranho no qual nos meteram para esfregarmos lâmpadas sádicas com nossas cegas setas quirodáctilas – à procura casual de um gênio cínico que nos aprove, em seu inferno de paralaxes inconcebíveis!

Vinagre antigo

O movimento é a passagem da potência ao ato na mesma linha, dizem os sábios e grita o senso comum. Mas dentro deste movimento existem várias instâncias, estados e qualidades, não necessariamente os mesmos, mas todos absolutamente congregados em sentido estrito. É isto que possibilita o conhecimento da mudança, da diferença e da propriedade propriamente dita dos seres enquanto tais: a unidade de sua manifestação atualizada.

Temos a virgindade e pureza do ser natural; a riqueza e voluptuosidade do ser enquanto artifício humano; e a podridão do ser quando de sua profanação artificial aplicativa. Isto cabe a todo e qualquer movimento consciente. E este é o movimento por excelência, para a experiência e a ciência, aquilo que sintetiza matéria, arte e mecanismo autônomo. Todo o resto acaba por nos parecer fantasmagórico e lendário diante deste vítreo e pálido, comum e indispensável movimento geral – porém, não.

A base para o que será revelado quando este mundo se tornar a pestilência maldita que secará a goela dos moribundos está num outro "movimento", desprezado, naturalmente vivo e feliz, porém, intrinsecamente melancólico pela ausência das mãos humanas em suas ancas. Será ele que nos mostrará a corrupção como inevitabilidade, não como opção ou virtualidade; será ele que removerá dos delírios humanos a sanha de engendrar mistérios sobre o corpo incandescente do devir satisfatório; será seu mérito, sua concórdia, a mostra sôfrega desta miséria que é se achar disruptor, mago, criador das maravilhas até então logradas à mesquinhez do engenho volitivo!

Enquanto não entendermos o movimento pneumático que dá vida à uva continuaremos – imbeles! – arrotando um vinagre insano disfarçado de vinho, ante toda a indústria e arte que se transformaram em depósito de

bestas feras implacáveis, atônitas, rendidas ao diabo, como crianças pegando fogo na boca de bronze do Baal multicolorido deste entretenimento sadio!

Brindamos nosso vinho periódico, já que o vinagre antigo se tornou incompreensível.

Nas águas do Rio Jordão

O anonimato é a maior tragédia de nosso tempo. Isto é o que indicam as pesquisas, os falatórios, toda a sede por macumba virtual e sua dança absorvente de vespas que, com zumbidos acres, nos rodeiam noite e dia. Ser conhecido é o epíteto dos Macabeus da nova era de aquário, e quem não nadar neste vidro em redil, é assado nas frigideiras do bem bocado burburinho das carrancas.

Pois está cada vez mais difícil aceitar o fato brutal: a maioria de nossas ações são despercebidas pelo claustrofóbico olhar humano. E tal mote é consorte ao lastro de pequenas iguarias que encantam os olhos de Deus – enquanto crepitam a cauda estiga do Diabo! Então, porque o contrário? Porque se importar com a porta aberta, escancarada, quase indecente e pornográfica da exposição gratuita? Não valeria mais a pena fechá-la elegantemente enquanto praticas cada saboroso ato diante do hiato que é ser observado pelo Divino?

Não. A maioria dos cretinos se enoja ao simples mencionar de tal possibilidade. É mais negócio gorgolejar dependurado pelos bagos diante da fuça intrusa dos zombeteiros a sossegar o facho e se por – discreto – diante do abismo.

Não ter nome, eis o fascínio dos que tem seu batismo nas águas do Rio Jordão!

Licantropo

Entre a malvadeza e a bonomia há sempre um abismo de indiferença, que nos faz bem – às expensas! – e nos consola na agonia.

Tal sentimento de vácuo sujo, obscuro e assaz reticente é a marca do século, não deste em que vivemos, mas daquele que nos aguarda mortos, riscados dos livros de memória, condenados ou salvos pelo andor deste momento em que aguardamos impudicos o valor que não temos.

É por tal caso que somos meio anjos, meio bestas. Mais bestas do que anjos, obviamente, porém, com a vantagem de sermos ermos demais para o cuspe de Deus não nos erradicar do tempo absoluto, o tempo da mostra. Lá, deixaremos de habitar dois cômodos, abandonaremos o incômodo e contemplaremos a triste paródia que nos nutria noite e dia, pois...

Os uivos do homem não se dirigem à lua, se dirigem ao reflexo pálido que sua empírea obsessão por sucesso visa aplacar.

Diretores da ordem histórica

Séculos se passaram desde que o botão do cristianismo rasgou o mundo e uma controvérsia espúria se arranjou em seu tecido como praga vampiresca, o acompanhando onde quer que vá: a sede de dirigir a ordem da história.

Mas isto é o que crêem os pigmeus do cultivo social, quando na realidade, a face inversa dessa ironia comanda o fluxo dos acontecimentos.

Acreditam, os impenitentes candidatos a diretores da ordem histórica, que dois mil anos foram tempo o suficiente para se reverter (e perverter!) o quadro febril no qual a humanidade definhou. O retorno ao modo próprio do imperialismo – ou consecução de uma nova era messiânica – se apresenta, aos seus olhos de coruja mouca, como antídoto para a debilidade metafísica em que a espécie atolou, servindo como reboque paradisíaco, providencial e telúrico para o exército das nações liderados por magos cabalistas do orbe terrestre, enfim, pôr fim à canalha! Ledo engano...

A "canalha", mofinas, não só sobrevive, mas mantém vivo qualquer respiro de hóstia que entra e sai pelas ventas suínas de sua sarnenta inanição por controle! É ela que acolhe, recolhe e espelha toda a seiva que percorre os veios da história, como uma mãe, que dá ao filho a leda impressão de que o leite que suga não é senão uma extensão de sua vontade cega! Tolos pécoras...

A cada tentativa de reversão do quadro histórico, a cada passe mágico em direção ao debacle esdrúxulo de ruptura celestial, mais e mais o seio infinito desta divina misericórdia se enche, e por isso, toda revolução é verdadeira revolução: retorno ao princípio de ordem inexpugnável! – já que não há novidades no plano empírico das contendas humanas, somente coisas novas geradas a partir de um domínio espiritual inalcançável e indestrutível.

A cobra troca de pele, não de natureza, e essa é a virtude de quem realmente dirige a história.

História, o lugar de onde se vê

O teatro é o lugar próprio da atuação e da contemplação, sobretudo, da concórdia entre estas duas facetas da realidade humana. Nele se dá a simbiose perfeita entre a prática e a teoria; o movimento e a inatividade; o cântico e o silêncio. Em sua quartelada lúdica nenhuma dimensão humana é desprezada, todas são consideradas, satisfeitas e ressaltadas sob o influxo da representação.

O *theatron*, literalmente, é o "lugar para olhar" – *theasthai*, "olhar", *tron*, "lugar". Ele é o lugar onde transcorre a ação, e isto define o homem enquanto *atuant*e *contemplativo* do enredo de qualquer história possível. Nada é mais afeito à sua natureza histórica quanto o espaço que miniaturiza aquilo que Deus criou para nós: o mundo, o tempo – a fábula! Digo fábula pois a história nada mais é do que o recurso divino para nos apresentar uma analogia de sua *Palavra* – assim como nas fábulas comuns, onde os personagens são animais que apresentam características humanas. Não obstante, na história concreta, os personagens somos nós mesmos buscando, mediocremente, representar características divinas que revelam, no fim, sua moral divina.

Eis o teor cênico completo: o teatro da história é *comédia* sob o estado poético de sua narrativa simbólica; é *tragédia* quando o fim nos é posto e imposto com uma dureza de certeza austera; e é *drama* enquanto a trama atual de suas vicissitudes é coroada por algum feito extraordinário e miraculoso!

Somos parte deste tríplice gênero de experiências no palco da vida, no tablado das mais tácitas alegrias e das mais estúpidas discórdias, sob a viga oriunda de uma vontade ininterrupta que nos mantém e dirige. Assim como estamos diante de um largo e plano assento de espectador, voltados à cena,

sombra pela qual os artistas desta farra devem se exaurir em direção ao proscênio – à luz do olhar, do glorioso olhar da Justiça e da Misericórdia. Um duplo existir: interação que dissolve os papéis sem deixar de considerá-los em si mesmos.

A peça da história é medida, porção, parte que não nos cabe desvendar – senão brincar! –, sob o impulso de um ato. Ato este em que, guiados pela destra diretiva, suscitamos publicidade, já que estamos enlaçados pelo coro dos anjos e o rodear multitudinário dos astros e estruturas cósmicas iluminando a terra em virtude do próprio céu!

Portanto, caros títeres desta casa incomum, a história só pode ser o lugar de onde se vê, um teatro em que somos simultaneamente atores e espectadores recebendo tempo para conhecer e se fazer conhecer; amar e se fazer amar; morrer e se fazer viver.

Que nossos mitos sejam realizados no tablado empírico dos intemeratos!

Antropovisão Histórica

Em história não existem formas estáticas de expressão, mas impressões pretensamente definitivas de matérias indefinidas.

Por *matéria*, denominamos o conteúdo expresso da realidade a ser atingida; por *forma*, aquilo que lhe dá realidade diante do dado, do fato, da resistência externa que a imbui de um objetivo tácito e intuitivo em sua essência.

Praticamente todas as incursões humanas nesse sentido reproduziram – ou visaram reproduzir – esquemas analógicos através de marcos delimitados e notavelmente restritos em suas linhas gerais. Porém, em vista da não excludente limitação da experiencia temporal, tanto de indivíduos quanto de sociedades, não é caro afirmar que esta mesma restrição de acesso ao "integral", ao "genérico" ou, "universal", se constitui como o único e defectível modo de operação da consciência humana diante do panorama ilimitado no qual é apenas mais um limite orgânico.

É nesse sentido que podemos aprimorar nossas falsas observâncias, já que o homem, produto acabado do fluxo temporal, *criativo criado*, constitui-se inerentemente de atuação em modo flexível e reflexivo, ou seja: como um componente do mundo que opera passivelmente.

Essa é a razão pela qual nenhuma visão do que é o homem pode prescindir da história como seu fundamento, produto e modulação permanente, pois a história, é o homem em sua atuação reflexiva.

A crise da verdade é a verdade da crise

Há algo de podre no reino da Dinamarca... E essa podridão se explica pela dicotomia entre ciência empírica e experiência transcendental no alvorecer da modernidade.

Desde que esse cisma petrífico irrompeu no derribar da idade cristã, com suas flatulências intelectivas e submissas ao peso orgânico das leis físicas mais mequetrefes, o homem não parou de se sentir refém de um claustro destino, de uma turva clandestina pensante em um ar de engrenagens malditas e turmalinas, infecciosas em sua essência, plasmando sua inocência enquanto cravava na jugular procrastina dentes de morcego animista. Este foi o sortilégio dos santos ante o desfilar dos magos tarados, cúmplices de tal pejo.

Uma imensa crise civilizacional se estabeleceu sem perceber a homérica síncope que a sucede: o valor da verdade foi substituído pelo preço austero de sua aquisição. O metro foi elevado à virtude; o peso, edificado em parábolas; o volume suspenso em altar jactâncio como anjos de uma arca carcomida. Nada foi mais o mesmo desde que Deus, o próprio Deus! se tornou uma insígnia da medição ordinária e peptídea dos bruxos e escrivães parasitários.

Não há maior morte do que a segunda morte que faz da primeira um paraíso em vida, e a crise da verdade é essa espécie beduína de antecipação carniceira da verdade de toda crise - ser corrupção periférica de um núcleo fundamental, pois... toda crise busca tornar genuína a razão de seu ser, com uma sede de legitimação luciferina.

O pior está por vir, seja otimista! A verdade não se esconde por muito tempo entre as pernas da sedutora prevaricação.

Mandrágoras de presbitério

Não é de ontem que os santos invejam o sortilégio dos ímpios, como fossem sinais de discórdia disfarçados de comiseração. Neste passo alado de aleijadas forras, dentre uníssonos pasmos de belvederes embevecidos, o fastio de parcas auroras se traveste em renhidos, supuras, rosáceas pestilentas, paroxismos de loucura prenha e veraz capazes de rodopiar num torvelinho de eudes até mesmo os escolhidos.

Contente-se com o que não têm, diz o ditado nunca dito, pois o que ainda pode ser perdido é muito mais turvo que os poucos cêntimos guardados na barafunda rabeira de sua alma. Já que jaz em bonomia espúria sua forquilha particular, onde ventres secos eclodem cloacas umedecidas de porca, não é digno se matar de borra obsessão. Ademais, ervado na cruz desta bossa maldita dos berdamerdas, o fulcro irrevogável da mansidão se esvai sob os caminhos que regem os desgraçados.

Tóxico douto de um destino requintado, como a mesa carmesim de um reles desforrado, dorme entregue no albergue de todos os pecados disfarçados de malsã alegria. O fausto se implode com folhas ovais em meio aos cabedais de crenças reptícias, regado à feitiçaria tuberosa de antigas e pífias musas, infundindo espanto, ranho, desditos tacanhos aos filhos de Deus - misere do paraíso que é.

Então, ó cobra insalubre, cubra de vergonha o pecado e terás a beatitude dos velhos desconhecidos!

Contra os bárbaros

Aludimos o termo aos rufiões dispostos à nobre disposição de profanar áditos e bedelhos. E parece ser esta a marca da civilização em dias correntes, invertida e estrebuchada vergonhosamente a ponto de se aviltar ante a alcunha funesta da mais odienta barbárie.

Os próceres do descalabro não são mais identificados pela matança e hábitos de abutre, isto é relicário de um bem árduo passado. Agora, no eixo findo deste ar, a máxima positiva para tais prosélitos da morte é a aljava de módicos receptores, plenos das flatulências lúgrubes de seu tempo morto.

Adoradores de novos princípios, sua epopéia tônica se traduz pela chafurdação precípua com o que impelem, aos demais confluentes de um mundo de hóspedes pagos, os lingotes austeros de suas brandas glossas, expedidas por máquinas estamentais e acadêmicas nidando tais filactérios.

Ao fim de seus mistérios, esta nova cepa de bárbaros - no dizer de Chesterton – "tenta cortar a corda da qual pendem os fios da honestidade e do registro claro de tudo o que o homem fez". Enfim, aventa garantir o monopólio do suicídio alheio sem revisitar a pauta delicada que desnorteia a amálgama ressequida de cada trépida afirmação, moção ou defeito, a respeito das cáusticas idéias que lhe servem de espadas.

Me pergunto se isto é um barbarismo intelectual ou espiritual... mas me convenço a cada dia que não: é um barbarismo genital. O frêmito sexual de seu calhau patife é o que arrasta miríades de fórmulas obtusas ao submundo dos continentes púberes, requisitando trajetos em vias sacras de horrores e meios parcos de fé, com a seriedade mesquinha de um ciclope glaucômico!

É a isto que nos referíamos vistas passadas. Nada mais nada menos que a pandéia dos esquisitos, rejeitados, foscos fúnebres de bojo ocre – tarados

de viga na mão! Tal procissão de crápulas e devassos detratores do bem, revolvidos pelo teor laborfóbico das bruxas, se move surribando lacaios ladinos de qualquer tartufo abonado junto aos representantes do êxodo e fim de toda sã doutrina.

Amocambados estamos, ó filhos e filhas da realidade! Pois os bárbaros do novo milênio procuram modorros quelônios de pensamento, e tolazes quadrúpedes do espírito.

Horizonte desprovido de história

Não há movimento unívoco na história quando preterimos a noção de herança, pois é através desta que o ente humano concebe e até mesmo especula qualquer possibilidade de significado final para os acontecimentos particulares, e, por conseguinte, universais.

A grande tragédia da história contemporânea – que é o mesmo que sua negação, a própria *ahistória* catatônica otimista – começa por este desprezo pelo movimento unívoco e a consequente perda gradual de agonia imaginativa capaz de nos conferir a gravidade da não permanência isolada; do não pertencimento atônito; da falaz ausência de especulação acerca da origem fundamental que nos sustenta. A história é morta exatamente por esse deslize acadêmico.

Tal desgraça fulcral surge da tendência à atomização do senso histórico em pequenos compartimentos, comprimidos por regras e formas isolantes que ensoberbam o indivíduo enquanto o atira em sua teia particular de misantropia autorreferente. As massas se formam pela incidência precípua de correligionários anônimos desta ideia.

A *res gestae* descamba em caos infinito; a *res gestarum* emana em ordem da vontade absoluta; enquanto a reflexão sintética e ordinária do senso comum se esvai entre as dicotomias faustianas de um horizonte desprovido de história.

Tentativa e erro da periodização histórica

A mania da periodização é o astro luminoso de todas as construções históricas e seus derivativos literários. Há que se crer que nenhuma delas tem valor absoluto, imperioso, mas há de se ater à fuga elementar duma visão propícia se sem ela o historiador migrar para as vastas áreas do passado nebuloso e primal. É quase impossível se orientar em mata tão densa e fantasmagórica. Portanto, o luminar dos períodos serve de alento – e aceno pitoresco – para a mínima observação abstrata de algo antes tangível e tácito, agora, aéreo e flácido.

É por essas e outras que vemos um grande esforço dos novos *historiólogos* contemporâneos por definir, aplanar e conspurcar na mente devaneia dos novos rebeldes do milênio uma inédita categoria temporal para a história humana, tão tacanha ao tíbio olhar das canhestras trovas que, por um lapso, podemos simplesmente conjecturar – e ao mesmo tempo confirmar – antigas formas então esquecidas, porém abastadas.

O caso insurgente do malfadado *Dryas recente*, que implica, para alguns, na suposição da existência remota de civilizações extraordinárias, favorece uma reescritura rasteira da história que pode muito bem cair nas raias do ledo mito esotérico, movida que é por interpretações condizentes com o atual senso imaginativo daqueles que adoram o róseo deus das delícias.

O perigo da psicodelia xamânica pode muito bem dar o tom, removendo a ordem instituída da escrita histórica junto a todo seu teor positivo e classicista simplesmente por vontade imposta de sufragar as trevas morais do homem numa espécie de aceno lisonjeiro à prisca altivez espiritual, como quem diz: *não houve pecado maior do que se esquecer do tempo em que os homens eram gigantes!*

Há algo de salutar neste perigo imenso. Em contrapartida abrem-se com ele brechas decisivas para a ascensão de um caldo cultural tão avesso aos tópicos reais da boa *lenda histórica* que seria possível sufocar qualquer tentativa de debate, caso cheguem a lograr êxito na batalha pela imaginação comum. Os filhos bastardos da arqueologia barata encontraram seu *Rubicão!* e agora, com paus e pedras nas mãos, tendem a partir ao meio a arca de seus velhos pais que boia pelos mares da comunhão literária salvaguardando as espécies lograis da arcaica pesquisa campal e datação cronológica absoluta.

A parte benigna de tudo isso é que a cada tentativa e esforço por renovação dos períodos históricos – segundo novos exames e teorias veniais sobre a natureza e origem das civilizações – aponta, como confirmador e afamador indócil, para a plausibilidade de densas soluções aclamadas, porém, abafadas por séculos de doutrina *historiológica* de cunho acadêmico. É o caso da visão cristã da história que, longe de contrastar com as equânimes eloquências da ciência aclamada, foi sempre mansa mediante seus fatos; cáustica em relação a seus absurdos absortos; e, mais do que tudo, bastante austera para ainda assim bendizer esta meretriz enrubescida quando ofereceu-lhe o mero dom das conveniências; o doce apelo ao verossímil; o ledo assédio pelo engano – que faz de sua atividade míope o provedor passivo de toda a doutrina dos tempos.

A cada tentativa e erro da periodização histórica – que é em si mesma sempre uma interpretação abstrativa e semiótica – é aberto, para os olhos da fé, mais um prisma de visões fugidias e entrópicas da imensidão do mistério da história que tem, no fim das contas, apenas uma forma de diversos acessos: a visão cristã da história – absoluta diante de todas as conveniências de ideias sobre o passado por ser composta de *revelação* e não simplesmente de *fatos* – e o esforço histórico genuíno – coberto por uma imensidão de fatos

que só são históricos na medida em que, absorvidos por uma ideia geral significativa, formam um conteúdo revelador.

Que os erros continuem a confirmar nossa história.

Antigos monumentos, modernas ruínas

O estado atual da nossa civilização sorumbática é a somatória pirrônica de todos os acertos passados, e todos os erros futuros. Um monumento falaz das ruínas há muito desejadas.

Lance um olhar sobre a esperança: antiga lembrança de algo nunca visto. Ela sobrevive incauta entre as sórdidas aparências do progresso. Sim, o mesmo progresso que hoje é apenas um assalto ao pensamento comum foi, a pouco tempo, um poder de congregação universal. Sua transformação se deu na medida em que reduziram o futuro à uma realização presente, já que ninguém mais pressente uma ausência vindoura, mas tão somente, uma presença enaltecida da vitória sobre o pretérito.

Tal convicção canina nos arrasta à decadência da esperança, que anda de mãos dadas com a falência do objetivo. Enquanto nos ocupamos com a vanglória no pináculo das realizações humanas, perdemos o interesse pelo desígnio máximo de nossas existências: o fim de tudo.

O fim de tudo... fim de qualquer referência segura no devir, traz a esperança do início de alguma coisa extraexperimental. Não há fim que não comporte este desejo de continuidade, pois toda e qualquer noção terminal carrega a fé implícita na próxima estação.

Ou alguém neste mundo opera cognitivamente segundo a experiência do vazio posterior?

O caráter expectante é o verdadeiro plano de referência no qual toda a inteligência se estabelece. A remoção desta referência no horizonte de pensamento reinante indica não sua ausência, mas a nossa! diante de sua presença virtual permanente.

As modernas ruínas se referem a este horizonte perdido e mumificado por efêmeros monumentos passados de pseudo atualidades subversivas.

Metalipsis

Pela comunhão fomos feitos hóspedes de um lar para rejeitados e intrujões. Como passadeiros de um apocalipse de nódoas, eclipsamos a antiga prisão através da alforria mais descarada: a que Deus nos deu por seu sangue, entre feridas e cusparadas.

Talvez por isso os diabos de salto alto e luminárias na mão desprezam tanto a consumição desprovida de recheio, aquela distribuída inverossímelmente a uma multidão de aleijados e porcos famélicos – pois estes mesmos porcinos, calcados na devassidão perscruta de uma existência vil e primal, também se fartam na ignomínia vítrea de suas cozinhas insulares, entre antros de perdição culinária e traves indômitas para olhos sãos. E como a hipocrisia é o porrete de correção destes doutos horrípilos, o lombo dos marrões explode por cacetadas crepitas que denunciam a virtude escondida em seus buracos de rato de pecado exposto e sobreposto por trevas!

Tal virtude é a fé.

A fé, que encobre uma multidão de pecados, não deve ser confundida com a mera absolvição supérflua, mas encarada como a libertação precípua pressuposta na ação que está para além de seu objeto de atuação. Ela é o sinal deste além, onde o aquém apenas ignora o beneplácito, vomita o implácido, enquanto recupera a saciedade perdida no horizonte fúnebre de priscas eras.

Ingerir é a obsessão do organismo; comer, a digressão do espírito em sua busca por aplacar as artimanhas requintadas do gosto, da glutonaria e dos fornos emancipados – precipitadores de almas edazes!

Somente um alimento cripto pode aplacar o sofrimento da gula, e o verão pantagruélico dos esfaimados.

Tempo suspenso

Há quanto tempo não temos tempo para a falta de tempo? Pois essa é a ironia que nos pega e afeta a própria qualidade da existência temporal.

Absortos no *tic-tac* reverso e averso à história (a concubina do devir), só nos restou um tempo desprezível, disperso e indigno à eternidade, um tempo que nos faz falta ao mesmo tempo que nos asfixia com sua presença exigente e maçante; um tempo errante que impõe o erro como medida de aferição dos passos. E eu me pergunto:

a quanto tempo o ócio não procura as almas para uma breve suspensão?

Mas, péra lá! Aqui, a ordem dos tratores, sim, altera o viaduto. Estamos no frenesi do anti-sábado, na paródia da roda insana que compete e arranha as pupilas dos revogados, e não podemos terceirizar nossa falha ab-reptícia a um *abstractum*, a um estado da mente e do corpo. Precisamos assumir o histrionismo que nos convém, já que nos tornamos cancelados do tempo suspenso! onde somente os mortos voluntários são capazes de transitar – e saborear.

Alguém reparou o feitiço que provoca a catatonia em relação à percepção desta espécie de tempo oportuno? Lhes dou uma novidade – este tempo oportuno não se esvai! e não há macumba ou pilhéria casmurra que o remova da trama em que vivemos! Portanto, pseudosóficos de araque, bruxos do imaginário febril!, a suspensão do tempo está disponível a todo e qualquer mandrião, não importa a psicastenia instalada em seu folclore encefálico. Basta parar, e a magia estará dirimida.

Despertem, bestas supremas! O tempo suspenso está aí agora, nas entrelinhas de nossa maldição janicéfala, apenas aguardando – sem pressa

ou histeria – o revelhusco da empáfia desprender suas presas vampirescas da messalina que é a estupidez humana, afim de ser próspero, por um breve instante que seja, fausto e livre de toda a alfaiataria indócil da frescura asnática que nos comove!

A quiromania títere é, de fato, o mecanismo de fuga próprio dos cronofóbicos.

Cabaré dos nauseabundos

Não existe nação do globo que supere o Brasil em matéria de prosperidade dos mentecaptos e ignorantes. Basta ver as turbas pérfidas de influenciadores e burocratas mandatários que exasperam nosso horizonte insosso, imposto por suas flácidas nádegas de querubins enxovalhados – e línguas ásperas de intrujões dirimidos. Essa é nossa atmosfera habitual, prognóstico de um apocalipse de lendas e curandeirias espúrias aos que não se besuntam de alta cultura e nobres aspirações.

Obter alta cultura não é sinônimo de "intelectualismo", ou “erudição carola”, mas antônimo de idiotia proscrita e acidiosa, altamente contagiosa. É um simples ato: submergir a cabeça com valentia indômita sobre o mar fecal de hebetismo tupiniquim no qual existimos, nos movemos e somos. Esta é a suprema admissão da angústia por elevação, que faz de um farrapo um lírio, e de um hipócrita, a sedução!

Por si só isto já se configura como uma suprema aspiração de nobreza, que dispensa as víndimas realezas enquanto corroemos o tão afagado imã burguês. Pois é tal atração pelo viço ruminante das cobras elásticas que entorpece o tráfego puro, quase suave, das intuições sinceras e frutíferas corrompidas pelos tostões erógenos desta espécie de simulada alforria!

A cada papo furado que passa pelos ares como um demônio imputativo, devemos - por satisfação aos nossos próprios delitos! – rasgar as vestes, como um bom judeu esconjurado, para então, toparmos com o veredicto real, que para os ladradores, é o sagrado subventor bestial:

a *ignomínia fede, mas é dela que se extrai o melhor perfume!*

A grande questão deste povo de tão excelsa analidade tropical, é que ele nada hauri – somente eflui! – da recendência intrépida que o mantém permanentemente dócil.

O gosto salutar de semelhante gentalha – comborças sôfregas do paraíso intestinal – por comédia agônica nos indica a presença da sempiterna aversão sublunar pela verdadeira tragédia, pústula crística de toda gravidade sã. E no empreendimento vão desta fuga atroz de quaisquer máculas dos sentidos, amam demasiadamente o cabaré dos nauseabundos, antro responsável por sua mendacidade institutiva e respectivas delícias tansicas derivadas de tal opróbrio!

No bambaré das paixões, mil virtudes são conspurcardas. Por isso não existe maior ídolo do que a apreciação autofágica, pois a meretriz que ali dança impõe sua sedução como aljava.

Que Deus perdoe minhas virtudes…

Nas bainhas do cálculo moral

Existem elogios que nada mais fazem do que vituperar o gabado, e este é o caso da rasa comiseração falaciosa.

Quando alguém te deve um préstimo e só lhe devolve a lisonja falpórria, sabe-se, de antemão, que a apreciação contabilmente incrustada na louvaminha tacanha é a de um cabungo infesto, infecundo o suficiente para proferir maldições eficazes ou bordoadas atômicas nas fuças de alecrim do almofadado.

A certeza do incólume inflama nos furúnculos morosos a sanha de uma coragem abissal que a própria audácia ladina, travestida de fleuma raquítica e voraz, explode em alcovas de sentimentos prófugos e aliviamentos intestinais. Um tipo de ódio ao inopioso que só revela sua necroforia rasteira prestes a inverter os polos magnéticos dos infernos!

Semelhante abjunção entre valor e dever se deve ao fato de que absolutamente não é permitido, em dias presentes, erigir louvores ao justo insosso – tão somente penhores ao onagro apetitoso! Pois essa ironia biliar dimana do intrépido desvio moral que abduz gentilmente almas mocorongas à temperatura do bule estaferno recheado de bostas, vaso insular onde reside o próprio coração desgraçado destas pechas vasculares do terceiro olho!

O medo corrói o juízo, e a patifaria constrói um altar de louvores ao mequetrefe.

Aos quidans desta macumbaria, uma nota: jamais devemos nos precipitar em seus anseios, apenas vociferar silenciosamente contra tal escroque de pestilências. Basta.

É por isso que toda circunspecção destes coprófilos do dia-a-dia se desfaz em rasas queixas – *"tua ingratidão nos espanta!"*; *"o amor das*

víboras é mais sútil que teu ósculo desgarrado!"; *"goze conjunto e juntos profligaremos!*" – dúcteis linguarias de um candor coscuvilheiro...

Nesta atmosfera de canastra penhora não há espaço para duas expirações tão contraditórias, a do estorvo corvo adulador e a do estrambólico *vate* acometido de certa paz taciturna e desconsiderada!

Os parvos nunca compreenderão...

A mixaria moral que espirra de suas alforjas muito bem lacradas por hercúleos zíperes de avareza corrosiva é sempre calculada pela reptícia sede de interesses lascivos que os sustém. Para tal, não devemos à razão tais sortilégios sibaritas, e sim, à volúpia: mestra referencial do cômputo putanesco, que reduz o universo ao submundo adéfago de seu órgão recreativo!

A merdilha ferve no temor ao súpero…

A menina dos olhos dos milenaristas coprófilos

Estamos diante de uma nova onda, porém, mais antiga que as carcomidas linhas de expressão de uma provecta recauchutada que, se incompreendida, de tempos em tempos retorna às esquinas para oferecer seus serviços de prostituta infante - na heresiarca satisfação de favores aos desapercebidos. Ela se chama *escatologi*a, a sabedoria das últimas coisas, agora, patifaria das penúltimas idolatrias intentes em nos arregimentar para as fileiras de um supedâneo armagedon fecal.

Súbita e recentemente brotaram, do jardim cilício de ervas digitais, sacerdotes e escribas do embaraço no livre exercício de se arrogarem detentores da chave explicativa que promoverá uma derradeira libertação da consciência – última seiva do calhau de regras e pestilências lúgubres preparado para o homem abobalhado. Como bons legistas, tais milenaristas coprófilos – reféns de um gnosticismo tacanho e perpendicular - examinam os órgãos internos do cadáver civilizacional afim de determinar sua *causa mortis* e expor, com *rigor vita,* em laudos periciais escrutiniamente elaborados, os supostos agentes mortais responsáveis por seu ingresso no jardim das tabuletas. Em uníssono, declaram: "*o agente letal da moribunda civilização é a própria civilização!"* Destilando, assim, a peçonha espúria que fundamenta sua teoria apoplética do fim dos tempos.

Eis, a mentira encarnada... o vinagre antigo que transpassa o corpo sagrado fingindo sangria, enquanto miasma!

A circularidade de seu assentimento ao solipsismo mais barato é deduzida, por nós, como o retorno transversal às antigas heresias destronadas, a aquelas velhas crotálicas formas corruptoras sorrateiramente advindas da corriola sádica que há dois mil anos inunda o panorama civilizacional com sua fecalóide alma de Moloque! É a isto que a suposta

nova mania por escatologia serve: ao sêmen diabólico do *sinagogismo macumbeiro*.

Crentes na sublevação pela negação, se fizeram céticos da interpretação afirmativa que os sustém, permitindo um retorno prometeico como falsos profetas cacofônicos em seu prolixo lixo oracular. Esta é a quintessência da ascensão citadina dos homens, algo óbvio e previsto com antecedência secular pelos santos e doutores da prisca fé flagelada.

Sua existência se deve, justamente, à confusão, à balbúrdia, à violação calculada e eficaz da ordem do mundo, empreendida pelos oxiúros amantes de um fajuto *Tzimtzum*! A este fim, uma legião de lalomaníacos foi lentamente gestada no ventre de 700 anos de educação nefelibata e filosofias nubívagas, examines por angariar argumentos sifilíticos contra o próprio *Logos* criador.

"Sem o pandemônio não virá o matrimônio", praguejam os magos facínoras, muito bem disfarçados em seus tabernáculos bargantes enquanto esparramam, nos horizontes flácidos da Terra, seus súcubos sacrificiais, golems espectrais e respectivas rixas binaurais típicas deste apocalipse proxeneta gerenciado por satânicos *doutores da lei* - e suas *détraqués* trombetas de Jericó!

A manipulação do domínio escatológico é o que permite a rarefação do elemento teológico, única resistência sã à feitiçaria vulpina que nos prepara para o futuro leguleio através do aliciamento infantil; do derretimento da inocência em caldeirões cainitas; e da glamorização do pecado messiânico feito *Mitzvá.*

Atenção, homens de seu tempo, *quem detém a escatologia detém teu ventre!*

Convicção é obsessão

É difícil separar o homem de suas convicções. Mais fácil seria desmembrá-lo, ceifá-lo de todas as suas manias que distingui-lo de uma só dessas alfaiatarias da alma. Pois ter uma convicção é como ter um filho: uma vez feito, jamais será o limbo que foi um dia na imaginação vadia de seus benignos pais.

Morremos por ela. Mil vezes, se preciso for, só para não termos que nos deparar com o deserto que ela preenche bem no antro do jardim desvairado plantado a sete palmos de nosso dúbio coração. Talvez esta seja sua verdadeira hospedaria genética.

Podemos dizer que a convicção é nossa amante mais contumaz, aquela em que o bordel de onde veio se encarna e faz morada no juízo profundo como um verdadeiro berne que não se desgruda do tecido vivo, enganchado que está no limiar subcutâneo da indulgência cretina às secretas enzimas que mina para nos jantar!

O convicto é sempre uma espécie de brejeiro hospedeiro da sedução…

Esta é uma verdadeira pena por encarceramento, à moda inglesa. Um círculo fechado e danoso, claustro numinoso e canino, uma maneira voraz de eliminarmos qualquer perspectiva adversa do horizonte plástico da possibilidade. A convicção tem este poder extintor, e, no entanto, somos extintos biliarmente se através dela não passarmos de símios a humanos! Sim, é absolutamente necessário termos uma certeza apodíctica para dissolvermos a rigidez dissoluta de nossa animalidade clamando para ser liberada do cemitério de incertezas que constitui nossa condição premente de escravos da perplexidade de *Heisenberg*! Apesar disso, ainda é par vigarista da obstinação *dominandi*.

Só há uma convicção plena que pode levar o organismo apático ao objetivo imane que o arvora e seiva: a da *instabilidade corriqueira e permanente*. Todo o resto são nódoas, lodos venais, linfas infectas disfarçadas de pleitos salvíficos - aparatos dissociativos lúdicos demais para nos verter para fora do paraíso de vermes que é a falcatrua de cada uma de suas promessas e dívidas.

Tente arrancar o osso da boca canzoal e verás como saliva rábica as presas desta besta fera hidrofóbica! O mesmo se dá com o convicto, ente por excelência de uma rarefação pictórica chamada *vida cognitiva*, única parcela de humor frente o paredão de incógnitas que o abstém da fruição do saber. Daí deriva sua solene obsessão: ter opinião obstinada sobre todas as coisas.

A incerteza é a mãe de toda razão determinada.

Moderação é escravidão

Há, acima das cidades histéricas e dos cemitérios industriais, um Reino sem brasão e sem rosto, uma soberania de circuitos invisíveis cujo cetro não é composto de ouro, mas de silício espúrio. Não governa somente o destino dos povos; governa percepções singulares. Não exige joelhos voluntariosos; exige submissão por gatilhos. Seu mandamento único é a busca pelo equilíbrio universal das consciências, que reduz, à temperatura morna de um rebanho infrene de ostras parafílicas, o tudo ao nada! Chamam-no civilidade, segurança, consenso, ou quaisquer destas porcarias mendazes que nos enojam e vituperam. Eu chamo *patologia anódina*.

Mas o inferno sempre amou os nomes modestos e pertinazes....

A velha tirania queimava livros enquanto a nova – e icterícia! – os afoga em dilúvios de insignificância. O carrasco antigo mutilava o corpo, mas o que há de mais moderno em matéria de tortura escrotal é a *administração da interpretação*. Nenhuma palavra é absolutamente "proibida", e justamente por isso nenhuma permanece viva – apenas briófilas mediante o lodaçal de disparates engulhosos. Tudo é autorizado, desde que venha privado de fogo!

A moderação é o novo sacramento desta época terminal: um batismo de água suja ministrado por funcionários sem rosto, sacerdotes automáticos da neutralização universal e murídeos apóstatas do *Logos* que exalam o olor cloacino das feras!

O homem contemporâneo imagina-se livre porque pode falar incessantemente, ledo engano... Não percebe que a escravidão absoluta começa quando até o grito espontâneo é previsto pelo mecanismo cocainômano do *bem-querer*! O escravo antigo conhecia suas correntes, mas parece que o novo masoquista de esquina desta nova era chama os próprios grilhões de "conforto psicológico", pusilânimes pérolas de um enema

sensato que por sua aurora de emancipação verborrágica plana sobre mares de pura leucorréia porcina.

Existe, portanto, um teor técnico neste reino – mais vasto e prostituto que a Babilônia, mais frio e renitente que Roma – cuja ciência suprema consiste em administrar a densidade espiritual do mundo. Seus engenheiros não fabricam meras máquinas coletoras de dados, fabricam meios prósperos de *tolerância*. Medem o quanto de verdade pode circular no compartilhamento público antes de incendiar as almas nos fornos nefários deste indício farisaico, desta obsessão pela quantidade exata de indignação permitida que jamais induz a revolta!

Distribuem escândalos proxenetas como farmacêuticos promovem sedativos...

Tudo deve ser moderado (a cólera, o amor, a memória, a blasfêmia, a esperança). Sobretudo a esperança, porque ela ainda contém dinamite escatológica. No entanto, a mornidão é sua lei, e a pacificação, seu ébano consolo!

O cidadão hircoso deste reino de borras recebe diariamente sua ração prosaica de opinião higienizada. Já não pensa – pois é bestólito por inanição –, porém, reage encripto segundo corredores previamente iluminados pelos vagalumes violados. A própria rebeldia lhe chega pré-embalada, certificada, aprovada que é pelos lustres administradores da dissidência permitida. Assim como os antigos imperadores cunhavam moedas com o rosto do César, os senhores modernos – as alvíssaras da comunhão possessa! – cunham emoções com a efígie do algoritmo.

E o mais terrível é que os moderados, esses peixes viperinos do aquário espurco, acreditam sinceramente servir ao bem...

Malditos moderados! Filhos espirituais dos balconistas bilatérios do Apocalipse! Não odeiam a verdade, odeiam seu excesso! Não perseguem o espírito, mas lambem seus duplos pêndulos seminais na intenção tacanha de rogar – delicadamente, como menina – que abaixe o tom. São os eternos *excrementais* funcionários da acomodação universal, contabilistas azêmolas da transcendência insana, homens para os quais Cristo deveria desculpas por expulsar os vendilhões do templo com violência insuficientemente dialogada! tamanha é sua presunção por ternura anódina.

Toda época possui seu pecado marcante. O da nossa, é a domesticação integral do imaginário humano.

Não querem destruir o homem – isso ainda exigiria pelos menos um cêntimo de paixão metafísica. Querem administrá-lo infinitamente! Corrigir-lhe as palavras até corrigir-lhe os impulsos; corrigir-lhe os impulsos até corrigir-lhe os sonhos; corrigir-lhe os sonhos até que a própria imaginação se torne uma petrificante Medusa de si mesma, um venéreo licor a ser distribuído aos fígados empanzinados dos demônios da satisfação acinética!

Neste andor, eis que surgirá o último homem moderado: sem ódio, sem êxtase, sem heresia, sem santidade, enfim, sem a mínima ereção moral. Um animal climatizado que confundirá anestesia com paz, supositório com bereta!

E os sinos do bom senso não mais tocarão... porque até eles terão sido moderados pelo mutismo do acobertamento.

Contradição é salvação

"Vós quereis a paz dos porcos, a harmonia das vitrines, a moral sanitária dos contadores e dos funcionários para denominar 'equilíbrio' a vossa própria decomposição."

Eu vos digo: a contradição é salvação!

O homem *salvo* é aquele dilacerado entre o Céu e o lodo, organismo inconciliável com o destino dos esmerados. Em contrapartida, o *condenado* é o sujeito morbidamente satisfeito, aquele rato cuja a alma já não combate, mas apodrece em mimos, como fruta esquecida numa adega úmida e sem ventilação. Isto porque a modernidade construiu uma religião de estômagos tranquilos para este intrujão hedonista de saunas, onde tudo deve conciliar-se, acomodar-se, nivelar-se a seus interesses meramente intestinais. Inventaram até uma espécie de caridade sem sangue, um tipo valdevino de verdade sem escândalo para servir de pedestal cagarolas ao cristianismo sem crucificação e morte, que para tais abantesmas da vida boa, se fez terra de onde emanam leite e mel!

Mas Deus não prescreveu tais alimárias. Ao contrário, Ele escreveu o universo com relâmpagos contraditórios: justiça e misericórdia, glória e humilhação, carne e espírito. Seu próprio Filho é contradição para o mundo – rei coroado de espinhos, vencedor esmagado, leão sacrificado como cordeiro!

Acontece que a invasão horizontal dos palermas foi o maior acinte contra esta ordem superior de coisas, a mais torpe rejeição à misericórdia divina desde a cuspição judia na face do Salvador. E esta devassa entrópica, na verdade, se deve à ascensão violenta da cosmovisão burguesa em nosso panorama circunstancial.

O burguês hodierno odeia, sobretudo, a contradição, porque ela rasga as cortinas de linho do seu conforto lamecha. Ele prefere a coerência dos cadáveres – empacotados em seu paletó justo e sextavado – cujo a graça não pode penetrar se antes do deitar, no invólucro decisivo, já não estiver sido depositado os óbolos de Caronte no coração em dormição. Sua adesão canastra ao parcialismo ameno repulsa a efluência prana desta iguaria santa, que somente um homem dividido e desgraçado atravessa, como lança flamante empunhada por anjos! Mas isto foi obsediado por uma moda maníaca, o grande pecado do momento…

Os homens triviais - obcecados pela maciez de seus glúteos - não pecam por excesso de mal, mas por falta de abismo! A contradição é sua danação, já que a coerência do talco aspergido em seu vão anilínguo supera – e extingue – toda e qualquer fé paradoxal. Só os mortos possuem opiniões perfeitamente coerentes, e estes necrófilos viventes, chamam de paz aquilo que é apenas ausência de espírito. Suas almas embusteiras e vivazes são incapazes de ranger como portas açoitadas durante a tempestade, emancipadas que estão da rubigem propícia, no reconforto de seus leitos macios, em ambulatórios caprichosos onde curam as feridas secas (que talvez, fossem aberturas para Deus) com loções e cremes hidratantes – *top de linha!*

A grande impostura velada é que nossa desilustre e caquética burguesia odeia o paradoxo porque o paradoxo impede seu sono! Ela quer sossego, deseja a clarabóia tênue de um mundo *reconciliado*. Vejo nisso apenas um cemitério bem administrado pelo pomposo síndico de patas caprinas, ocultando a verdade da condição humana que a escandaliza – porque já não cabe em sua acéfala caixa de mordomia descrente. Esta corja impune não possue mais a força centrípeta dos anacoretas, apenas margens atenuantes que lhe impede de tremer diante do invisível!

Toda grande fé parece loucura a semelhante classe de contabilistas da realidade sorrindo por desistir da eternidade, preferindo o inferno da regalia, o famoso *nunca mais contradizer a si mesmo!* Mas Deus às vezes fala por meio daquilo que em nós não encontra conciliação. E esta talvez seja sua linguagem mais obscura.

Na nova cidade dos homens, que brilha como um altar dedicado ao nada, a incompreensão à palavra do céu tornou-se mestra do anestesiar destinos. Os antigos pecadores ao menos sabiam que estavam diante do discurso eterno, mas os de agora, acreditam estar diante de um espelho límpido onde falam a si mesmos como papagaios bonifrates do teatro umbilical.

É neste sentido que, a duras penas, eclodimos da obsessão clerical dos *bundalelês* da frescura escatológica com uma rotunda salva de palmas, em louvor austero à sua ignomínia prebenda espiritual: *Bravo! Bravo!*

Ó, bestas do apocalipse abéculo! Nenhum santo foi um homem confortável, e por tal, tua pureza satânica enxovalha a Deus e a nós, pessoas excessivamente permeáveis - embora fissuradas. Com clamor sincero, vos admoestamos contra a verminosa rigidez profana, tendo em vista que a graça entra pela rachadura que há em nossos corações...

Por isto vós, tubérculos do Diabo, como cafajestes satisfeitos se fazem inexpugnáveis ao contrassenso necessário à salvação!

O purgatório é logo ali!

Sei que deveríamos, por mandato divino, buscar a perfeição. Mas brocados na tragicomédia burlesca que a atmosfera funesta de crime e sedução nos assoa, aceito o *ticket* duro e cravado de pontas balordas da purificação póstuma – o purgatório saboroso das vítimas de ninguém.

A virtude é algo fácil de se alcançar (não se enganem nem se deixem enganar!). O difícil, neste caso, é se manter nela, ser ela, indiferenciado e quase confuso. Toda a estrutura vital que nos abarca impõe este flagelo da santidade a todo custo, mas o busto do último homem ainda infla pelas mínimas rachas de sua macambúzia perversão.

O pecado nos atormenta com feições luxuriosas e magníficas, dada sua natureza permanentemente flexíloqua. Jamais aparece como um totem de repugnação direta, algo que nos indicaria sua origem perversa e demonete. Ele é nosso melhor amigo nesta Terra! – e pior sócio nos negócios que a abrange...

O desabrido no qual estamos imersos, como bebê num mar amniótico, atesta a grande marca inane em nossa testa ululando soberba: vivemos numa era em que o pecado já não precisa seduzir – ele respira pelas paredes; infiltra-se nas línguas e túneis vasculares; instala-se nos hábitos arraigados com a naturalidade de uma possessão marcante; e o homem, pelintra, que outrora tremia diante da simples cogitação infernal, agora o carrega no bolso como um relógio coquete consultado a cada minuto com a serenidade dos condenados anódinos!

Santidade... ah, suprema assíntota! Tornou-se em nosso século de ruínas lubrificadas uma forma superior de exílio diante das fontes furbescas de tentação instantânea. O santo, aquele que sempre atravessou as megeras civilizações sem consentir em ajoelhar-se diante de suas idolatrias rombudas,

carrega no peito a solidão dos escarrados que ainda sabem distinguir a luz do incêndio. Porém, tal infante figura extinguiu-se apaticamente da atmosfera tropical onde estão dispostos nossos corpos bronzeados e sacripantas – e nossas almas mancípias e tarascas.

Fechada foi esta porta... arfada foi esta possibilidade – não para eles, mas para nós! Para todos nós que fumegamos na baixaria do desejo e ingerimos o sangue fimícola ejaculado dos sarcófagos fáceis de se deitar!

Não apenas habitamos uma sociedade de pecadores, mas rastejamos, deslizamos em seu tobogã ruinoso com as genitais raspadas no pó andrajoso que emana de uma liturgia pública corrupta onde as consciências são lentamente adestradas para amar aquilo que as devora – uma imensa *egrégora* mental, disforme e presbiofrênica! O mal deixou de ser vertigem para tornar-se mobília, e nós, ventrudos infames, fatigados demais para levantar os olhos ao Céu, aprendemos a decorar o próprio abismo com flores artificiais do esgoto!

Talvez por isso nos reste apenas esperar na plataforma úmida desta era terminal o velho bonde do purgatório, última misericórdia para criaturas pavorosas como nós que já perderam quase tudo, exceto, talvez, o terror obscuro de cair ainda mais fundo – para além da própria perdição adquirida como herança excomungante.

"Lá vem ele! Adios hermanos! Irei queimar na brasa santa por um longo momento, já que até agora, a frieza foi meu supremo dístico de presunção."

Sou tão otimista que o paraíso jamais será o objeto de minha esperança…

Católistas comunólicos

O fenômeno da raça espúria dos *católistas comunólicos* é talvez a mais enternecedora catástrofe espiritual dos últimos séculos. Tais criaturas anfíbias, que comungam com uma mão enquanto assinam manifestos materialistas com a outra, desejam um Cristo sem Cruz; uma caridade sem sacrifício; e até um Paraíso sem Juízo Final – sobretudo Evangelhos higienizados pela burocracia escroque de suas mais púberes e vermelhas assembléias estudantis!

Tais catarros ao vento são devotos da multiplicação dos pães somente se, simultaneamente, odiarem massivamente o milagre. Promovem adoração aos pobres desde que estes permaneçam petrificados como estátuas de sal abstratas, convenientemente disponíveis às suas homilias sociológicas. Transformam santos em sindicalistas celestes e mártires em panfletários de repartição pública com uma espécie de facilidade traquina que faz os mais talentosos prestidigitadores parecerem sorumbáticas múmias paralíticas! – tudo isso enquanto demonizam o incenso, que lhes dá alergia, na chafurdação vadia do odor mofado de suas utopias fracassadas. É esta fedentina incólume que acreditam ser seu *perfume de santidade*.

Há nessa fusão monstruosa algo de blasfêmia carnavalesca, uma inerme e mentecapta tentativa inconsciente de crucificar Cristo novamente a cada movimento engendrado por suas fornalhas ideais. Desta vez, acabam por humilhá-lo ainda mais ao misturarem sua divina imagem ao ridículo de seu besunte político sediado entre comitês centrais de piranhas avulsas e grêmios universitários de índole lupina!

O mais admirável é a candura bovina com que acreditam reconciliar o Sermão da Montanha com o culto ressentido da inveja... gozando do chinfrim pensamento que visa, em essência, canonizar Barrabás e reeducar São Paulo!

Mas não se preocupe, toda monstruosidade espiritual termina como começa - na lama mijada das porcas! Pois o comunismo devora a alma de tal maneira que nada sobra à vigência católica de entregá-la completamente a Deus: e não ao Estado, ao Partido, e muito menos a esses sacristães da revolução lupanária de bagaxas *online*!

A grande aberração desta fusão daninha dos infernos consiste no fato de ela desidratar a unção profícua dos céus ao passo que substitui sua figura – lentamente – pela santificação cretina da secura secular. Por isso, o *católista comunólico* pode ser aclamado como o apóstolo apócrifo da danação andrógina dos últimos tempos – e últimos ventos de brisa salutar.

Água não mistura no azeite… mas o oxida!

O desejo dos abismos

A resistência é a quintessência do controle. A insistência, sua fiel da balança. Por isso nada adianta ao calhorda cabotino revirar os papéis de antigas polissemias saturadas, já vencidas e estróinas. É ponto facultativo lustroso na ironia ordinária esta espécie de ressurreição sem corpo, de aspersão sem alma – sem abismo! este denominador comum do destino.

Nosso desejo é condicionado, seja por Deus seja pelo diabo. O que podemos com muito suor de sangue realizar é o intento bocório de desejar o desejo correto; um anseio legítimo que possa – mesmo frenopata – condizer com a vontade suprema. Para tal, é múnus submeter a nossa ao estado de ceia frescalina e histerômana servida em modo ritual aos esfomeados de colarinho branco reclinados em suas bufantes poltronas de damasco: devemos isto ao Criador do nosso motor de ação.

Acontece que, parvenu que somos, não creditamos ao santuário das grandes coisas o valor supranatural da dádiva em forma de íngreme aspiração que recebemos no ventre. Preferimos compreendê-la como ela não é – qual fuste súcio onde os bestólitos bombeiros acendedores das fornalhas infernais escorregam até o colo do capeta!

Admitamos hircosamente: gostamos da sujeira aíva e amamos ainda mais a transgressão sacripante (não me venha com falsíficas projeções amorais, desatino syscófanta!).

Não é a este abismo que nos referimos como uma falta fundamental em dias correntes, ou uma necessidade visceral para o bom domínio e retesar do desejo. Neste caso, estamos discorrendo sobre a ausência completa de propósito concreto, a indecência iludente por excelência que evoca as chamas ardentes do báratro – que barato! – afim de um encontro contumaz

com nossos tão mimados glúteos, estes gomos eméticos tão bem cuidados e, no entanto, tão mal amparados.

É a inculcação do perigo deste querer infrene - que ridiculariza o desejo intenso pelo *infinito-divino-inacabável*, desquerido por tal objeto angélico que nos foi inoculado a meio palmo da virilha e a cinco metros da latrina devassa que a comanda! – que estamos cuspindo ao alto com nosso tagarelar de demônio insosso desejoso de que emplastre sua testa, ó comedor de pó!

O mau desejo é um querer trânsfugante e precipitado; o bom desejo é uma atração inviolável e perpendicular; e o sorvedouro sugador de fôlego… o critério de definição crucial de seus derradeiros derrames.

Diga-me seu abismo e lhe direi quem és.

Algo sobre viver

Há uma linha tênue entre a sobrevivência e a vivência. A primeira, é feroz e delicada, útil e selvagem na medida exata do dano; a segunda, atroz e disfarçada, é descarada o suficiente para deitar ácido sobre aparência de mel. Mas isto não quer dizer que exista, de fato, uma diferença irredutível de essência entre elas.

Sobreviver é estar acima do viver de modo a amparar, sondar, compreender sem macular; já viver é gerar frutos gustativos a este senhor da relação, atenuando, emancipando, fundando uma alegria apenas potencialmente justificada na ação imediata. O que existe entre elas é, sim, uma sútil – mas realíssima! – distinção de planos, semelhante a sexual. E é aí onde a confusão começa: quando estiramos suas carcaças *númenas* no asfalto áspero da homogeneização genérica.

É impossível viver sem antes haver algo sobre o qual a própria vida esteja suportada, amparada, requerida. Da mesma maneira, é impossível sobreviver sem ter o mínimo de gozo salutar como medida e complemento dúctil de tal agonia necessária ao pejo. O jogo entre as duas pulsões marca o passo do deslumbrante destino humano, mesmo que a insídia da fortuna fácil tenha capturado o fôlego deste dinamismo habitual… Aqui, nas *terras médias* (onde nada é superior ou inferior por não existir uma dimensão qualitativa, somente *quantums*), viver de sobrevivência ou sobreviver recreativo se tornou o poste no olho de todos nós, maltrapilhos abestalhados pelo apocalipse dos cremes hidratantes e fotografias mutiladas de suas imperfeições naturais! E esta incapacidade de captar o óbvio está nos custando, acima de tudo, a derrocada do bom senso e a instalação da mediocridade como medida de todos os julgamentos.

Isto se configura uma verdadeira ironia falpórria em tempos correntes, pois toda a estrutura produtiva, criativa e informe da civilização global se equilibra sobre este fio calaceiro, esta álgebra funesta entre o múnus faminto e o gargalo insaciável dos desajeitados – que nada mais faz do que alargar o foço profundo existente entre o verdadeiro trabalho e a ocupação escatófila dos dançarinos polegares e das prostitutas de espelho negro!

Rezemos para que o enxame de *bon-vivants*, essa escória subvivente de andor caiado, remova seu tapa olho quiromaníaco de lassidão orgulhosa, nos permitindo restabelecer a equanimidade estrutural das relações laborais e seminais, única melodia proativa capaz de prover qualquer vivência salubre entre os homens e sobrevivência cândida entre as feras.

As piores desgraças sempre provêm do nivelamento bárbaro.

Modo transgressivo

No romance "O demônio" de *Hubert Selby Jr*. o personagem principal Harry White, um homem bem sucedido obsediado por uma presença demoníaca sorrateira, era instigado visceralmente a cometer diversos tipos de perversões sexuais que o levaram, pouco a pouco, a atingir os píncaros do desespero, colocando tanto sua carreira quanto seu matrimônio em risco.

O mais notável nessa história é que em determinado episódio, após levar uma surra de uns vagabundos num dos pardieiros em que se metia para cometer seus adultérios com as prostitutas mais deploráveis, Harry chega ao fundo do poço moral, que lhe causou um surto psicológico e físico de terrível ruptura entre sua personalidade pervertida e sua realidade como pai e esposo. E então, numa noite angustiante enquanto jantava em um restaurante qualquer, ele toma uma atitude inusitada - e até mesmo banal: sair sem pagar a conta, impaciente que estava com o tamanho da fila do caixa.

É neste momento que o personagem sente uma espécie de sublimação, uma estranha nota clarividente que se parecia por demais com as antigas alegrias de seu passado, como quando fez sexo pela primeira vez. Aquilo explodiu nele uma tremenda sensação de felicidade, emancipação - liberdade! lhe trazendo alívio imediato, a ponto de o fazer acreditar ter encontrado um substituto para aquele mal moral odioso, como um outro tipo mais inofensivo e menos culposo de obsessão.

Enfim, Harry fez como todos nós: otimizou as aparências acreditando ter eliminado os danos. Acredito que a chave interpretativa do romance em questão se baseie exatamente nesta pequena nota, que podemos classificar como: *transgressão*.

Transgredir significa exatamente pôr-se deliberadamente em desacordo com a ordem estabelecida. E, neste caso, não estamos chamando atenção

para qualquer ordem efêmera, mas para a ordem fundamental do mundo, o Logos, a teia pela qual todas as coisas estão conectadas harmonicamente sem estarem misturadas conflituosamente.

Nesse sentido, podemos considerar o modo transgressivo como o elemento permanente da confusão e do caos sublunar, o fator discordante que possibilita, da parte do homem, a transferência de responsabilidade atribuída a Deus (de ordenar absolutamente todas as coisas) para a irresponsabilidade de um simples desejo de usurpação adquirida geneticamente na primeira e inaugural transgressão moral da nossa espécie. Não que o homem não tenha em sua estrutura essencial esta capacidade - dada pelo próprio Deus - de ordenação, determinação e domínio, mas tão somente que, nele, esta capacidade é sempre limitada, não podendo exacerbar a seu bel-prazer, sob pena de destruição e danação perpétua. E aí reside o problema.

O ato de "caminhar para além do limite", em que grau for, é o motivo principal que faz do homem um inimigo, não de Deus, mas da linha tênue que separa sua natureza da Dele - pois essa linha é, justamente, toda e qualquer ocasião que permita a imposição do desejo desordenado e supressor sobre a vontade ordenadora e suprema. Ela é o próprio firmamento que buscamos romper a todo momento para quem sabe, enfim, ver esta separação de naturezas definitivamente suprimida.

Isto não é privilégio régio da turminha do *Tikkun Olam* ou de quaisquer dos grupos demonizados que tentam fazer do mundo um Éden de vigilância, e de Deus, uma mera potência técnica para o desfrute de seu corporativismo magicista. Não, isto está entranhado em nós todos como uma praga ancestral.

O que turva nossa visão sobre o caso é que confundimos, como Harry White, *tipo de transgressão* com *modo transgressivo*, e enquanto não admitirmos sinceramente que somos tão agressores da ordem *logotípica* do

universo quanto os bodes assediadores e tarados do lado esquerdo da cruz (o tipo pesa, mas o modo é a balança) continuaremos trocando o mal moral, não pela ordem moral, mas simplesmente, pelo desvio menos aflitivo à nossa consciência.

Transgredir é assumir que somos agentes da homogeneização fantasiosa dos planos irredutíveis.

Na prancha dos desvalidos

Existe um mar de tormenta azul gravitacional que carrega sobre seu costado um barco furado com tripulantes sedentos por sangue e fel. Uma prancha se projeta de uma de suas saliências mais decrépitas como um raio expelido pelo mais genocida dos armamentos. É ali que estão os próximos condenados.

A lei que transforma os viventes em refeição salubre de tubarões esfaimados e vadios é a mesma que exerce peso sobre as almas tênues e perdidas caiadas no doce mel da multidão infernal, loucas para trazer a seu recinto incontornável mais e mais sofríveis angústias, remorsos insanos e ranger de dentes crepusculares. É uma jurisdição da pura ausência de bem, inveja tórrida fervente num turbilhão de ódio e horrores mil - de se ter em vista alguém com chances de chegar à próxima praia, à tão sonhada ilha de luz veraneia que nos move dia e noite noite e dia.

Quem ainda vale, vale pouco aos pseudo valorosos enxames de demônios humanos já destituídos da fúlgida gleba sagrada! Os massacrados pela moral dos piratas são acossados tenazmente por suas lâminas seculares nas costas, na nuca, ou em qualquer parte vulnerável que possa, mesmo que sutilmente, denotar o reverso de seu pensamento de morte.

No limiar da desgraça, observam o que está abaixo: dentes e voracidade faminta; destino insondável; horizonte de iniquidade longínqua que nunca acabará. Se curvam por um momento... quando os gritos e glossolalias mendazes sopram o bafo mortal dos entes estúpidos por natureza que os disparam contra a lástima final. Só aí se entregam, se fartam, fecham as pálpebras para uma queda vertical que não mais se assemelha às antigas contendas contra Deus, mas sim, à imitação dos mártires desconhecidos e dilacerados, que depois de instantes atrozes, despertam na glória total.

Os desvalidos são a face de Deus num mundo de máscaras perpendiculares.

Abstenção é adoração

Eu não o tenho - e já posso sentir o desagrado de sua ausência na penitência de ser desligado da graça a ti atribuída.

Eu não o absorvo - e assim aumento o vazio em meu peito, em meus pulmões sedentos por ar, por alegria alvéola! aquela nobreza de espírito que só os teus verdadeiros adoradores gozam no gustar!

Eu já não o toco - não o carrego em meus indicadores como um aristocrata da alma, não o transmito aos demais, aos demais fumegantes desta ascese brisa, maníacos vasculares do paraíso nublado que visam, como eu, comungar de seu corpo entre ritos de satisfação permanente.

Eu o adoro! Presto culto a vós, senhor de minha renitente e absorta busca! E procuro-o sempre a dois palmos de meus lábios como um vampiro odiento na voraz indecência de correr aos trapos matutinos de uma donzela vazada, desesperado por não ter uma jugular à disposição!

Como eu queria ser tão amante, devoto e crente assim de Deus, ó cigarro...

Sandice no país das coprolalias

A pornografia é um camaleão que toma variadas formas, conforme o gosto e o desgosto do mentor. Já foi pinturas na parede; letras no papel; fotogramas realistas, e agora, vídeos em painel. Mas nenhuma destas adagas do candor moral é capaz de perverter tanto quanto as que existem candidamente sob o influxo do colóquio cotidiano.

Falar besteira é normal, e é até inumano sua extinção total - tendo em vista a necessidade psicológica quase inata do bicho homem de fazer troça e gracejo, sob pena de flagelação absurda e contumaz do bom humor. Porém, quando a boca inunda da imunda sede de prazer venéreo, se configurando como mecanismo automático de oblação templária ao desumano, ao bestial, ao infecundo em palavras, algo de escatófilo anula a simples brincadeira e afirma o penhor descabido do assédio gratuito, da sodomia desvairada, do supremo entojo.

É importante notar que não há nesta anatomia do papo corrente um clamor mendaz ao moralismo tacanho, vítima fraudulenta de suas próprias comédias. A questão aqui é de análise estrutural, dissecação fria do que é em detrimento do que não é: vivemos imersos num aquário bulbouretral como girinos prostáticos em águas estranhas, fingindo postura, quando na verdade, impostura é a lei. Tudo o que desconsidere isto diz ser o que não é, portanto, não passa de mais um estrabo instrumental desta grulha presbiofrênica.

A engenharia da malícia é estupenda! Os pedantes tarados trafegam como tubarões em profundidades obscuras, cientes da impossibilidade quase absoluta de se verem destituídos de seus delírios obscenos imantados de ludismos cênicos entre acenos genitais. Isto é *normativo*, e não mais *desvio*, já que a agência perene da picardia surdina está entranhada na supra cultura demagógica destes masturbadores verbais.

Não é por acaso que uma bomba atômica de produção sacana está à disposição de todos, sempre próximo ao oprobrioso compartimento inguinal. É por caso, caso pensado, estudado, calculado e aplicado - onde? - na libertinagem das línguas e seus motores, no baixo ventre da conversinha fiada, que a macro indecência se constitui e institui um império aditivo de saliva orgiástica.

A coprolalia voluntária é o disfarce sécio dos semíviros que buscam, pelo poder da palavra, uma ereção lalomaníaca e majestosa.

Entre gigantes e gárrulos

Nunca tente adormecer um gigante com cantigas adocicadas, pois na primeira nota, ele irá lhe devorar com seu hálito aliciador.

Toda grande teoria é uma réplica desprimorosa do acaso. Ela nos alimenta com fome para nos asfixiar com a brisa agoura de suas invenções casuais. Mas jamais esta besta apocalíptica irá decepcionar o ínscio a ponto de fazê-lo perder a necessidade intransigente da crença, bondosa crença, que os infantos saboreiam na cuna. Este é o elemento que subjaz como sedimento da luz que foi implantada desde fora no tablado turvo do pacóvio homem, desiludindo suas certezas vãs e repercutindo em seu imaginário as ternuras póstumas da fantasia produtiva.

A convicção é a mãe remissa do absurdo.

Todos nós precisamos contar como as coisas são para não sermos contados entre aqueles que nunca foram nada além de um número, um nome, um depositário termal de ironias adjacentes. E para tal, um esquema total é absolutamente requerido como um salvo conduto para a imersão em dimensões escalafobéticas, difíceis de se determinar – e até impossíveis, conforme o prado. Este é o aluado gigante adormecido, embebido de fel, recolhido no espaço! O gigante de nossas presunções que esmaece as trevas banais pela imposição de suas luzes infernais; o colosso de significados erigido como deus de um horizonte banido, renhido como uma pucela carente; um titã astuto, vestuto e peceta, doido para comungar de nossa ilha do faz-de-conta sem pedir licença, sem bramir veemência em seu assalto supremo à razão!

O algoz peralvilho que devemos decepar a cabeça com o machado da própria presunção, antes que nos esmague com seus duros pés de alabastro.

Acontece que feras anômalas deste quilate não vagueiam solitárias. Elas sempre dispõem de escolta, mais das vezes, oligofrênica. Gárrulos epifrênicos cantarolando paródias díscolas – no intuito de reter o máximo da nossa infrene atenção adormecida – compõem o cortejo ambulatório que circunda este desgraçado de vastas alturas. São seus carrapatos astrais, feudatários anais da dialética mais infecunda e icterícia possível! Anátemas da boa fé, se provaram responsáveis diretos pelo alívio imediato fornecido por um tipo peculiar de niilismo corrupto e sedutor, perpetuador do seguinte exclame: agora sim, libertos fomos da responsabilidade pessoal!

Palradores do além túmulo! gorjeadores fúnebres do interstício cômico! alticorníger os bodes ceifadores das alegrias pueris! – títulos, insígnias, galardões prolixos que denotam a patifaria absorta destes que esperam por nossa submissão ao ídolo mastodôntico de araque, prevaricador das funções benignas de nossa alma.

Assim estamos: ou nos submetemos a algum sistema teratológico e espurco repleto de micróbios exclamantes (tema!), ou nos tornamos um com eles (adore!), remidos pela boca podre do antro abissal que supõe o alijamento fatal da perspectiva imaginária livre de qualquer suspeita. Não há outra opção… (senão a lâmina!)

O pior pesadelo é sonhar que estamos acordados – então, mate o gigante! começando por suas gargantas exaltadoras.

Palíndromos da cultura estomacal

Ame o poema, bastardos de quatro patas no chão! Pois a ironia que os elege compete alegorias com os cascos dos faunos mais intrujões. *A cara rajada da jararaca* fede em seus seios, precatórios dos infernos sublunares! E é com esta face de cobra que a patifaria inocula a pestilência que tal sanha uranista e histérica evoca.

A diva em Argel alegra-me a vida! mas que vida, hospedeiro sabático da ruptura e do caos? Quando sobrevivemos como pitecantropos impudentes de uma savana (b)anal, lúbrica o suficiente para nos endividar com o bom Deus em suas traquinagens safardanas? Não me venha com favas deitadas ao bel-prazer deste teu espaço sem lugar e deste teu tempo sem acontecimentos reais!

Assim se faz uma (cu)ltura de trêfegos e ignaros, constituída de *amor à Roma,* penhor à Sodoma - e doloso candor ao báratro!

A torre da derrota está morta – muito embora sua picardia permaneça rija e rigolboche. Não há deboche que suplante tal *ato idiota* onde infantes são perpetuados em rugas mortas; velhotes se encontram enrijecidos em vestes colantes; e dondocas gloriabundas se esparramam no ar rarefeito em celulites hipopotâmicas – enquanto nós, ilhéus desconhecidos deste mar de excrementos, somos belamente adormecidos como num conto de fodas.

E assim a missa é... assim a tralha entoja!

Crápulas venturosos esgotam minas de ouro e pão. Líderes de seita arrotam demônios chocarreiros, planando limítrofes entre seivas ginecófobas. Pavões estrambólicos falporriam líquidos e secreções de moralidade abjeta pelas plumas exuberantes que conquistaram a preço de sangue infantil!

O mito é ótimo, camaradas... Mas a história é o verso do anverso.

Podem me chamar de lunático, já que desta mãe escorreguei para a vida: *a lua é aula* para os que padecem, como este filho, da capciosa virtude dos ventres fecálitos, em que os maus praticam o bem – e os bons morrem tentando.

Tudo o que aqui se hospeda aguarda o esgoto, o dejeto, a valeta. Por esta razão me considero – em desidério! – ágrafo dos excretores que ejaculam de trás para frente.

A última morte de um homem sem importância

Quando o coveiro despejou a última pá de terra sobre a vala em que meu esquife mortuário foi depositado, e as pessoas que ali choravam começavam a dar as costas a este jazigo turbulento e miserável se dirigindo novamente às suas vidas e pertinências pessoais, finalmente me dei conta do que foi o acontecer de minha vida.

Anos e anos se passaram em meio a busca insaciável de aprovação, assentimento, observâncias ímprobas. Mas, o que realmente estava em jogo, foi adormecido por mim muito antes do cortejo final por um modo imbele de corrupção compreensiva.

O despiciendo é amado a preço do desprezo ao inestimável.

Primeiro, foram as amizades. Depois, os amores, para mais adiante ser o prestígio profissional e até fantasmas de uma tela obsedante. Todas essas, tentativas insanas e obnóxias de preencher algo que não nos diz respeito, não nos é enredo, não nos faz menção.

O mal do homem é usurpar, furbesco, o lugar próprio do inaudito.

Não era minha ação, meu fardo, meu pejo determinar aquilo que deveria ser amado, embora algo solicitasse ensejo enquanto orquestrava uma série ininterrupta de dilemas e decepções comezinhas - inúteis, no fim das contas. Mal sabia que o que realmente procurava estava encrustado infinitamente próximo do mais distante pensamento sobre o caso, como um pascácio imitador do destino roendo a corda que o sustentava a poucos metros da maldição.

O pior tipo de crença é a que te leva à incondicional certeza sobre a veracidade de um engano.

Agora que nada mais me resta, que nada mais pode ser feito senão estar e permanecer estando à sete palmos do ar, bem vestido e insatisfeito, vulgívago como nunca!, o óbvio se faz inevidente pela força da simplicidade de tudo. Estou aqui, e todo um mundo de ilusões reais está logo acima. O tempo se desfaz para revelar-me seu horizonte de inevitabilidade absoluta. O silêncio vence. A escuridão enrijece como uma dobra entre mim e o nada feito. Imóvel, pálido, fuste. Descobri tardiamente que para ser bom homem bastava estar mansamente disposto a descansar neste quarto onde ninguém irá bater à porta - mas que deveria ser não tão equídnico!

As sensações se esvaem mesmo horas após sua última aparição… eis o sortilégio do lasso.

Em inevitável amargura, o tilintar de uma estranha verdade assume a direção de minha existência em forma de questões, depois de todas as mortes intersticiais que segmentaram anos de estelionatos morais. Valeu toda a insignificância das rasas ironias? Significou alguma coisa os graciosos momentos de obtusa sedução em que me declarei amante de tudo o que é fumaça e pó? Rendeu algum cêntimo os amores, os dolores, os ódios emancipadores contra tudo aquilo que contrariou esta máquina apodrecente durante o período da misericórdia mais invisível e invencível!? Ainda creio que sim, apedeuta que sou da realidade.

Este é o inferno, prezados desprezados: declarar mudo, apesar de tudo, que todas as pequenas mortes conjuntas não formam a morte solitária e incondicional deste instante interminável de certeza inconteste do desperdício irrecuperável de tempo me importando com tudo, menos com a fonte de toda preciosidade…

O paraíso é uma espécie de proporção esclarecedora entre a relevância dada e a monta recebida, somente desvelada aos exânimes sucumbindos.

Maike Cabral

@maikecgc

maikecabral3@gmail.com